

Camila Scaramella da Silva

**DESIGN E QUESTÕES SOCIAIS:
ELABORAÇÃO DE UMA TIPOGRAFIA PARA CAUSAS
FEMINISTAS**

Projeto de Conclusão de Curso
submetido(a) ao Curso de Design
da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Bacharel em Design.

Orientadora: Prof^a. Rochelle Cristina
dos Santos

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Scaramella da Silva, Camila
DESIGN E QUESTÕES SOCIAIS : ELABORAÇÃO DE UMA
TIPOGRAFIA PARA CAUSAS FEMINISTAS / Camila Scaramella da
Silva ; orientadora, Rochelle Cristina dos Santos -
Florianópolis, SC, 2016.
103 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão. Graduação em Design.

Inclui referências

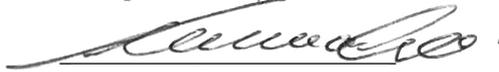
1. Design. 2. Tipografia. 3. Feminismo. 4. Caligrafia.
I. dos Santos, Rochelle Cristina. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Design. III. Título.

Camila Scaramella da Silva

**DESIGN E QUESTÕES SOCIAIS: ELABORAÇÃO DE UMA
TIPOGRAFIA PARA CAUSAS FEMINISTAS**

Este Projeto de Conclusão de Curso foi julgado adequado para
obtenção do Título de Bacharel em Design, e aprovado em sua forma final
pelo Curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 07 de julho de 2016.



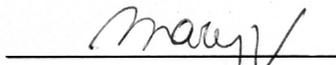
Prof. Luciano de Castro Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Prof.ª Rochelle Santos, MSc.
Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Mary Mëurger, MSc.
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Luciano de Castro Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este projeto às mulheres que me inspiraram e ainda me inspiram a ser uma pessoa melhor, a lutar pelo que acredito e ser dona do meu próprio destino.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente queria agradecer à todas as mulheres inspiradoras da minha vida. Principalmente à **minha mãe, Anna Karina**, por todo carinho, luta e tudo o que ela teve que abrir mão para me criar e a quem eu devo tudo o que tenho e a minha vida. **À minha vó Aldanir**, por ter ajudado minha mãe, e também ser uma pessoa decisiva na minha criação de valor, senso crítico e social. **Aos meus tios. Minha tia, Ana Carolina, seu marido Caio e sua filha Marina, minha afilhada.** E que espero ajudar a criar um mundo melhor para quando ela cresça. **E meu tio João Augusto**, mesmo sendo o único homem da casa sempre me incentivou a ser uma mulher forte e também lutar pelo que acredito. À toda a família Scaramella.

Ao meu namorado, Lucas Filappi, pelo amor e pela parceria. Por ser um dos maiores motivos que mais alegra, agita e também acalma meu dia a dia.

A parceria dos meus amigos, que não importa o lugar (do mundo), sempre estarão prontos para beber, conversar, descontrair e perder tempo. E me fazer esquecer de quaisquer problemas que existam no mundo. **William, Vitor (Tropi), Gabriel (Leléu), Pedro (Mena), Rafael (Vin), Douglas Abacate, Camila Sili.**

A professora Rochelle, pela parceria, inspiração, puxões de orelha, e pela caminhada que está fazendo no Design UFSC trazendo para ele um novo olhar sobre a sociedade e as mulheres. **E a professora Mary** pelas indicações bibliográficas e também por trazer um olhar tipográfico ao curso de Design da UFSC. E também ao **professor Luciano** por ter me inspirado a seguir o caminho do Design Gráfico e também pelas mudanças boas que trouxe para o Design da UFSC nessa área.

RESUMO

Este projeto detalha a criação de uma tipografia produzida para ser disponibilizada gratuitamente para projetos voltados para as causas feministas. Neste relatório é mostrado o processo que passa desde de uma investigação do movimento feminista até um estudo tipográfico voltado para a criação dessa nova fonte. E também descreve o processo metodológico pessoal utilizado especificamente para a criação desta fonte, que foi baseada técnicas caligrafias. O resultado foi a criação de duas tipografias digitais manuscritas, de mesma essência, porém com variação de estilo.

Palavras-chave: 1.Tipografia 2.Feminismo 3.Caligrafia 4.Design

ABSTRACT

This project describes the creation of a new typography to be freely granted to feminist causes projects. This report shows the process that goes from an investigation of the feminist movement to a typography study of this new typeface. It also describes a personal methodological process used specifically to create this typeface, which was based on manual calligraphy. The result was the creation of two typefaces, with the same essence, but with style variation.

Palavras-chave: 1. Typography 2. Feminism 3. Calligraphy 4. Design

Lista de Imagens

Figura 1: esquema de <i>Design Thinking</i> - Ellen Lupton.....	22
Figura 2: esquema metodológico de Fontoura e Hammershimidt.....	23
Figura 3: esquema metodológico para este projeto.....	24
Figura 4: exemplo de <i>Type Specimen</i>	28
Figura 5: exemplo de <i>Type Specimen</i>	28
Figura 6: slide da apresentação do TED de Tavi Gevinson.....	33
Figura 7 : Marcha das Vadias no Rio de Janeiro 2013.....	35
Figura 8: Marcha das Vadias no Rio de Janeiro 2013.....	35
Figura 9: Gráfico de respostas à pergunta 1 do questionário.....	36
Figura 10: Gráfico de respostas à pergunta 2 do questionário.....	36
Figura 11: Gráfico de respostas à pergunta 3 do questionário.....	37
Figura 12: Gráfico de respostas à pergunta 4 do questionário.....	37
Figura 13: Gráfico de respostas à pergunta 5 do questionário.....	37
Figura 14: Gráfico de respostas à pergunta 6 do questionário.....	38
Figura 15: Gráfico de respostas à pergunta 7 do questionário.....	38
Figura 16: Gráfico de respostas à pergunta 8 do questionário.....	39
Figura 17: Gráfico de respostas à pergunta 9 do questionário.....	40
Figura 18: Gráfico de respostas à pergunta 10 do questionário.....	41
Figura 19: Gráfico de respostas à pergunta 11 do questionário.....	42
Figura 20: Gráfico de respostas à pergunta 13 do questionário.....	42
Figura 21: Capa do perfil da <i>fanpage</i> do Facebook “Lugar de mulher”.....	43
Figura 22: Foto do perfil da <i>fanpage</i> do Facebook “Lugar de mulher”.....	43
Figura 23: Página inicial do <i>blog</i> “Lugar de mulher”.....	44
Figura 24: Capa do perfil da <i>fanpage</i> do Facebook “Blogueiras Feministas”.....	45
Figura 25: Imagem do perfil da <i>fanpage</i> do Facebook “Blogueiras Feministas”.....	45
Figura 26: Página inicial do <i>blog</i> “Blogueiras Feministas”.....	46
Figura 27: Capa do perfil da <i>fanpage</i> do <i>blog</i> “Escreva Lola Escreva”.....	47
Figura 28: Imagem do perfil da <i>fanpage</i> do <i>blog</i> “Escreva Lola Escreva”.....	47
Figura 29: Página inicial do <i>fanpage</i> do <i>blog</i> “Escreva Lola Escreva”.....	48
Figura 30: Capa do perfil da página do Facebook “Não me Kahlo”.....	49
Figura 31: Imagem do perfil da página do Facebook “Não me Kahlo”.....	49
Figura 32: Peça gráfica da página do Facebook “Não me Kahlo”.....	49
Figura 33: Peça gráfica da página do Facebook “Não me Kahlo”.....	50
Figura 34: Capa do perfil da página do Facebook “Feminismo Sem Demagogia”.....	51
Figura 35: Imagem do perfil da página do Facebook “Feminismo Sem Demagogia”.....	51
Figura 36: Capa do perfil da página do Facebook “Empodere duas mulheres”.....	51
Figura 37: Imagem do perfil da página do Facebook “Empodere duas mulheres”.....	51

Figura 38: Peça gráfica da página do <i>Facebook</i> “Empodere duas mulheres”.....	52
Figura 39: Peça gráfica da página do <i>Facebook</i> “Empodere duas mulheres”.....	52
Figura 40: A visual overview of 25 typographic classifications.....	55
Figura 41: A visual resolved typographic classification.....	56
Figura 42: Partes dos tipos.....	59
Figura 43: Linhas importantes da tipografia.....	60
Figura 44: Exemplo de Ritmo.....	60
Figura 45: Exemplo de ductos.....	61
Figura 46: Exemplo de velocidade de ritmo do traço.....	61
Figura 47: Exemplo da tensão das curvas.....	61
Figura 48: Exemplo de coerência formal.....	61
Figura 49: Estudo do ductos de uma caligrafia genérica.....	63
Figura 50: Materiais utilizados.....	64
Figura 51: Linhas guias do projeto.....	65
Figura 52: Imagem dos primeiros esboços.....	66
Figura 53: Imagem dos primeiros esboços.....	66
Figura 54: Repetição de caracteres.....	67
Figura 55: Repetição de caracteres.....	67
Figura 56: Refinamento em canson tracing.....	68
Figura 57: Exemplo de semelhanças na entrada dos caracteres.....	69
Figura 58: Exemplo de semelhanças na saída dos caracteres.....	69
Figura 59: Vetorização Illustrator vs Glyphs.....	70
Figura 60: Vetorização e refinamento.....	70
Figura 61: Tipos móveis.....	71
Figura 62: <i>Kerning</i> de tipos móveis.....	71
Figura 63: Exemplo de ligação entre as fontes.....	72
Figura 64: Esboços - Numerais e Pontuação.....	73
Figura 65: Esboços - Numerais e Pontuação.....	73
Figura 66: Variação de estilo.....	75
Figura 67: Variação de estilo.....	75
Figura 68: Foto de mulheres Scaramella.....	81
Figura 70: Foto de mulheres Scaramella.....	82
Figura 71: Exemplo de aplicação da fonte.....	83
Figura 72: Aplicação da fonte em uma campanha LGBT.....	84
Figura 73: Compartilhamento da campanha pelo Deputado Jean Wyllys.....	85
Figura 74: Aplicação da fonte no PCC da aluna Aline Alberti.....	86
Figura 75: Type Specimen.....	87

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Objetivos.....	19
1.1.1 Objetivo Geral.....	19
1.1.2 Objetivos Específicos.....	19
1.2 Justificativa.....	19
1.3 Delimitação do Projeto.....	20
2.METODOLOGIA.....	21
2.1 Inspiração.....	24
2.2 Concepção.....	25
2.3 Aplicação.....	26
3.DESENVOLVIMENTO.....	29
3.1 Pesquisa.....	29
3.1.1 Investigação do Assunto.....	29
3.1.2 Pesquisa Quantitativa.....	36
3.1.3 Pesquisa Visual.....	43
3.1.1 Levantamento de Conceitos.....	53
3.2 Concepção.....	54
3.2.1 Classificação da Fonte.....	54
3.2.2 Caligrafia e Tipografia.....	57
3.2.3 Esboço e Ideias Iniciais.....	62
3.2.4 Refinamento Manual.....	67
3.2.5 Vetorização e Refinamento Final.....	68
3.2.6 Numerais e Pontuação.....	72
3.2.7 Mas uma para família.....	75
3.2.8 Resultado.....	76
3.3 Distribuição.....	80
3.3.1 Fechamento de arquivo.....	80
3.2.2 Envio para Alunas Envolvidas com o Feminismo.....	82
3.2.3 Type Specimen.....	87
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	89
APÊNDICE A – Questionário.....	95
APÊNDICE B - Resultado detalhado.....	99
APÊNDICE B - Type Specimen.....	103

1. INTRODUÇÃO

“Para participar de uma ecologia de conteúdo viável e diversificada (jornalismo, design, arte, tipografia e outros), todos têm que pagar. MAS TALVEZ nem todos tenham que pagar por tudo. Se alguns recursos são voluntariamente cedidos, o resultado é um MUNDO MAIS RICO. (LUPTON, Ellen 2006, p.78)

A importância da tipografia é reconhecida no universo do design por sua contribuição na interpretação da mensagem. A definição de tipografia, segundo o livro “Elementos do Estilo Tipográfico”, é “[...] o ofício que dá forma visível e durável - e portanto existência independente - à linguagem humana” (BRINGHURST, 2005, p.17).

As escolhas das fontes tipográficas além de serem um suporte explícito de linguagem podem contribuir ou prejudicar a mensagem a ser passada. “Em um mundo repleto de mensagens que ninguém pediu para receber, a tipografia precisa frequentemente chamar a atenção para si própria antes de ser lida.” (BRINGHURST, 2005, p.23).

Fazendo uma analogia rápida com roupas: algumas pessoas podem até falar que não entendem de moda, mas quando se vestem ou compram roupas elas escolhem por algum motivo, esses motivos nem sempre são conscientes. E isso acontece com a escolha de tipografia, muitas pessoas não entendem sobre tipografia, mas quando elas fazem uso, seja em seus *blogs*, postagens online, impressões, etc., elas buscam a fonte tipográfica que de alguma forma transmitam as suas intenções.

Desde que as pessoas começaram a registrar coisas pela escrita, tiveram que considerar o seu público antes mesmo de colocar a pena no papel: as letras teriam que parecer diferentes, tanto para ser lidas por muitas pessoas (em documentos oficiais ou inscrições), quanto por apenas uma pessoa (uma carta) ou exclusivamente para o próprio escritor (um caderno de notas ou diário). (SPIEKERMANN, 2011, p. 27)

A famosa família tipográfica *Comic Sans* fez sucesso por causa disso. Ela foi muito difundida, segundo o seu próprio autor, porque ela não parece uma fonte (GARIFIELD, 2010, p.26). As pessoas que usavam *Comic Sans* eram pessoas com pouco ou nenhum conhecimento em tipografia que procuravam uma fonte digital que parecesse feita a mão. Hoje em dia, buscando em sites populares de fontes tipográficas grátis, existem muitas opções delas, inclusive

muitas feitas a mão. Na atualidade é muito mais fácil achar uma fonte tipográfica que combine com o que se quer, mas nem sempre essas opções suprem totalmente o que é necessário.

Nos movimentos feministas, como em todos os outros, são usadas fontes tipográficas e textos manuais para expressar ideias através de mensagens escritas. Existe uma carência de conhecimento técnico em design e por este motivo alguns usos de tipografia não transmitem de maneira eficaz o discurso pretendido.

A preocupação social deveria ser rotina em qualquer projeto de design, pois os profissionais envolvidos muitas vezes têm participação ativa para aumentar ou amenizar os problemas sociais através da cultura material. Por isso, é necessário que os estudos de gênero façam parte de seu repertório, pois os projetos podem ser destinados a diferentes indivíduos, sejam mulheres, homens ou transexuais, e cada um tem direito a participação social, é uma questão de pertencimento das quais todos deveriam ter os mesmos direitos. (MACHADO; MECKLE, 2010, p. 13)

Na conferência *TEDxEuston*¹ a nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche, em seu bloco “We should all be feminists” define que Feminista é a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos. E quando se fala sobre a igualdade entre os gêneros não é sobre excluir suas diferenças biológicas, e sim sobre questionar porque a mulher deve ser inferior apenas por ser mulher.

Como exemplo de pautas relevantes dos feminismos mais discutidos entre *blogs*, grupos, coletivos feministas, estão: luta pelos direitos reprodutivos, pagamento igualitário para o mesmo cargo, diversidade corporal em questão racial, representatividade na publicidade nas mídias, violência sexual, mulheres em cargos políticos, entre outras. Eventos atuais, que foram abordados no desenvolvimento do projeto, indicam que o feminismo é um tema que precisa estar presente cada vez mais na vida das pessoas, e é sobre isso que o presente trabalho trata, isto é: sobre como ajudar na eficácia da comunicação e perpetuação do discurso feminista.

¹ “TED é acrônimo de Technology, Entertainment, Design (em português: Tecnologia, Entretenimento, Design) é uma série de conferências inspiradas no lema “ideias que merecem ser disseminadas”. As conferências são gravadas e amplamente divulgadas na internet.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Desenvolver uma tipografia *display* que será disponibilizada gratuitamente para uso em materiais gráficos de projetos, coletivos, *blogs*, voltados para as causas feministas.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Pesquisar sobre feminismos para situar o objeto central deste projeto;
- Investigar o uso de materiais gráficos de comunicação/divulgação usados nas causas feministas;
- Contribuir com a produção da comunicação feminista;
- Aprofundar os conhecimentos sobre tipografia através da realização deste projeto.
- Desenvolver uma tipografia que possua todos os caracteres necessários para sua utilização na língua portuguesa.

1.2 Justificativa

Considerando que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é uma instituição federal, construída e mantida através do dinheiro de impostos vindos da sociedade, penso que o Projeto de Conclusão de Curso é um dos momentos mais importantes para a devolução desse investimento através da aplicação de conhecimentos específicos para causas sociais.

Apesar de não ter cursado efetivamente a disciplina de Tipografia no curso de Design da UFSC, me identifico bastante com a área e através deste projeto tive a oportunidade de agregar ainda mais conhecimentos sobre o assunto. Sendo assim, o trabalho foi uma via de mão dupla onde aprendi desenvolvendo. Juntando esta vontade de aprender sobre tipografia com a intenção de desenvolver um projeto social, busquei um tema que me afeta e que considero ter pouca visibilidade no Design: a questão de gênero.

Desde pequena tenho uma relação estreita com questões de gênero. Sempre questioneei as divisões das cores de brinquedos, tipos e cores de roupas, divisão de tarefas, entre outras. Na adolescência, os questionamentos eram sobre maquiagem, altura das saias, comentários masculinos, assédios diários na rua, na escola, nas festas. Mesmo assim, só fui discutir sobre o feminismo

ao ingressar na Universidade. Antes de me aprofundar no assunto, relacionava a palavra feminismo a um movimento radical ao qual eu não me identificava. Era capaz de compreender que o feminismo lutava pela igualdade de direitos entre os gêneros, porém, acreditava que para ser feminista era necessário participar de organizações, ir a passeatas, mudar toda sua vida para ser considerada feminista. Logo que entrei na Universidade, comecei a acompanhar mais o movimento, e com isso tive acesso ao vídeo TEDxTeen da Tavi Gevinson, uma jovem editora da RookieMag que hoje tem 20 anos, e que ficou conhecida aos 11 anos como uma das blogueiras mais novas do mundo. Nesse TED, Tavi falava sobre seus questionamentos em relação a adolescência, dificuldades em ser mulher e também sobre o feminismo. Nesse vídeo, chamado “*Still figuring it out*”, ela destacava a frase “O feminismo não é um livro de regras, é uma discussão, uma conversa, um processo” e foi aí que eu vi que o feminismo não tem uma única perspectiva, que qualquer pessoa que acredite na igualdade de direitos entre gêneros pode ser feminista, e pode contribuir da maneira que considerar adequada.

Como futura designer convicta acredito que o Design, bem como a tipografia podem sim dar mais visibilidade às coisas que já são em si importantes. E não apenas como ornamento, mas também sendo funcional ergonômico, harmônico e porque não, bonito. E nesse sentido, o que eu quero com o Design é que proporcione visibilidade, e voz para quem pode e quer falar sobre feminismos.

Outro ponto, é a valorização de profissionais mulheres dentro do mercado tipográfico. A criação em tipografia é dominada por homens, e eu acredito que sendo mulher posso acrescentar na valorização feminina nessa área.

1.3 Delimitação do projeto

A fonte tipográfica elaborada através deste projeto será disponibilizada gratuitamente para confecção de materiais gráficos voltados a produção de conteúdos feministas. Não há um cliente direto, ela será enviada para algumas pessoas envolvidas com as causas feministas para que possa ser aplicada em seus projetos.

Por ser uma fonte voltada para a comunicação, com o objetivo de chamar a atenção para o conteúdo, ficou definido que a fonte desenvolvida seria uma fonte *display*. As fontes *display* estão mais relacionadas a estilo, e se importam menos com legibilidade (SALTZ, 2010, p. 170) sendo assim mais utilizadas para títulos, destaques, anúncios entre outros.

2. METODOLOGIA

Embora a Tipografia seja uma prática antiga e uma parte fundamental do design gráfico, não existem muitas publicações voltadas para metodologias específicas sobre criação de novas tipografias. Muitos tipógrafos ao decorrer de suas carreiras usaram métodos para chegar ao produto final, porém, sem formalizá-lo.

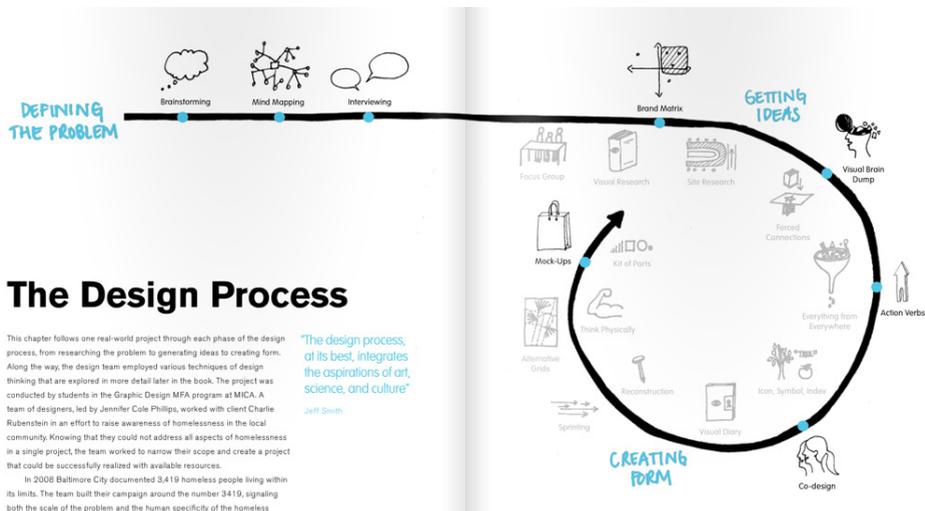
Não existe um único processo para desenvolver projetos de design de tipos: a metodologia varia bastante de acordo com as preferências e os hábitos de trabalho de cada designer. (FONTOURA, HAMMERSCHMIDT, 2011)

Levando em consideração que muitas estruturas metodológicas tradicionais do design são lineares, este trabalho necessita de uma metodologia abrangente que organize o projeto e ao mesmo tempo trabalhe com empatia, com a faixa exclusiva da sociedade à qual ele se destina.

No design, existem meios que servem de guias para a criação dos projetos. Algumas metodologias foram definidas décadas atrás, aproximando-se de um modelo massivo de desenvolvimento de projetos. Essa é a crítica feita por alguns autores à chamada metodologia do design comumente utilizada, onde não são empregadas as características do contexto social dos indivíduos ao qual o projeto se destina. (MACHADO; MECKLE, 2010, p. 13)

Tim Brown, dentro da teoria do do Design Thinking, acredita que existam três grandes etapas em todos os projetos de design “inspiração, idealização e implementação” e que as fases dentro dessas grandes etapas dependem do projeto ao qual elas serão utilizada. O processo de design “ele tem começo, meio e fim- e são estas restrições que o mantém com os pés no chão” (BROWN, 2010, p.21). Então pode-se dizer que o conceito de Design Thinking refere-se aos processos de concepção, pesquisa, prototipagem e interação com o usuário (LUPTON, 2013, p.5).

Figura 1: esquema de Design Thinking Ellen Lupton



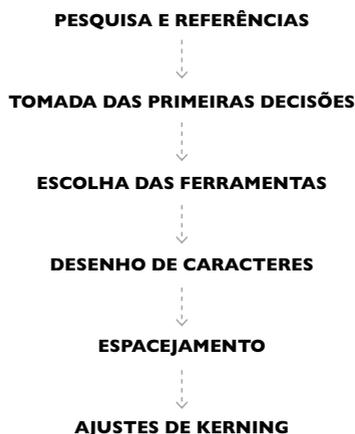
Fonte: LUPTON, p.6 e p.7

Como falado antes, o processo da criação de uma nova tipografia varia bastante de acordo com o processo autoral de cada designer. Por isso é importante buscar informações relacionadas em inúmeras bibliografias disponíveis da área.

Fontoura e Hammerschmidt discutem no artigo “Notas para uma Metodologia do Design de Tipos Apresentado” no Congresso Internacional de Design da Informação - 2011 (CIDI) em Florianópolis estabeleceram uma sequência lógica organizando a criação de uma tipografia em pesquisa e referências; tomada das primeiras decisões; escolha de ferramentas; desenho de caracteres; espaçamento e ajustes de kerning. Esse método preocupa-se mais com a concepção da tipografia, enfatizando principalmente seus aspectos estruturais. (Figura 2)

Fontoura e Hammerschmidt sugerem um esquema de derivação de caracteres que divide os atributos formais semelhantes para determinar quais serão os aspectos de uma nova tipografia. Além do esquema utilizado nesse artigo, outros autores também se utilizam dessa genealogia de caracteres, e a escolha das letras do primeiro grupo da derivação variam para cada designer e até mesmo projeto. Como por exemplo, Cheng (2005) utiliza ‘a’, ‘e’, ‘g’, ‘n’ e ‘o’ como fontes nucleares para o processo de derivação, já Ellen Lupton sugere ‘o’, ‘u’, ‘h’ e ‘n’

Figura 2: esquema metodológico de Fontoura e Hammerschimdt



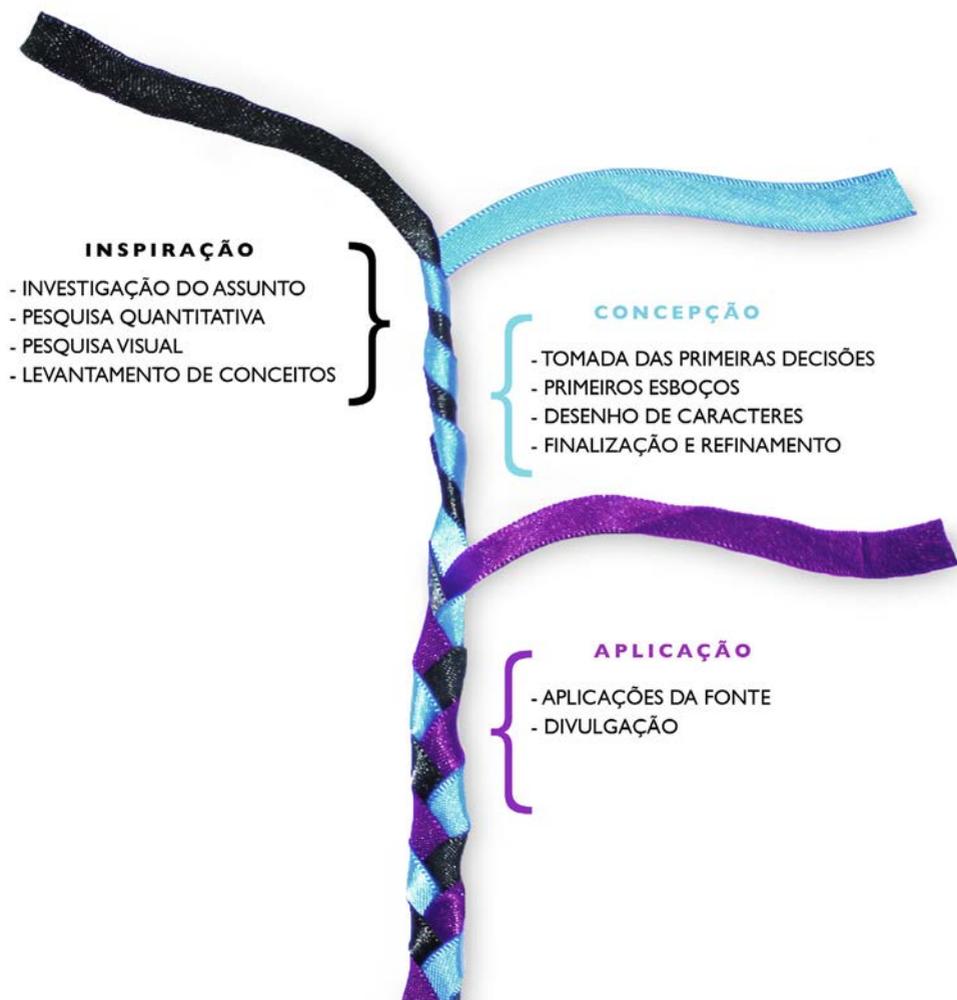
Fonte: Elaborada pela autora

Como um dos aspectos conceituais definidos da fonte, a partir da pesquisa feita, que será explicada ao decorrer deste projeto. Ficou definido que a tipografia deveria ser manuscrita, ou seja que deveria ter ligações entre as letras. Percebeu-se que o esquema de derivação de caracteres não conseguiria suprir as necessidades dessa nova fonte. Então foi necessário criar um novo esquema, específico para este projeto. Um que utilizasse a ideia de derivação de caracteres, porém, uma derivação específica de uma caligrafia manuscrita.

Esse processo consistiu em um estudo do ductos de uma caligrafia manuscrita genérica. E a partir desse estudo foi uma comparação de alguns atributos de cada letra focando na conexão entre uma letra e a outra. Esse processo será especificado na etapa de desenvolvimento do projeto.

Adaptando o método proposto por Fontoura e Hammerschimdt, juntamente com outras bibliografias a serem descritas neste projeto, e organizando com as etapas do Design Thinking, foi gerada uma metodologia específica para este projeto dividida em Inspiração, Geração e Aplicação (Figura 3).

Figura 3: Esquema metodológico desenvolvido para este projeto.



2.1 Inspiração

Esta é a etapa onde ficou definido que seria feita a pesquisa, para entender alguns parâmetros do projeto tendo como base os objetivos. “O primeiro estágio do processo de design costuma se referir a identificação das restrições mais importantes e à definição de critérios para sua avaliação” (BROWN, 2010, p.18)

A Inspiração foi subdividido em:

Investigação do assunto

Como o objetivo já foi delimitado neste projeto em específico, pode-se então começar o desenvolvimento a partir da investigação do assunto. Para esta sub-etapa definiu-se que seria feito um breve levantamento histórico do movimento feminista. Também seria realizada uma investigação de como são produzidos os materiais gráficos para a comunicação das causas feministas.

Os usuários de nossas interfaces digitais raramente serão capazes de nos dizer o que fazer. O comportamento deles, contudo, pode nos dar valiosas dicas sobre suas necessidades não atendidas. (BROWN, 2010, p.39)

Pesquisa Quantitativa

Para esta etapa, ficou definido que seria desenvolvido um questionário de caráter quantitativo, cujo objetivo foi identificar quais mídias de comunicação feministas as respondentes costumam acessar com maior frequência, entre outras informações que se fazem necessárias para este projeto.

Pesquisa Visual

Definiu-se que seria feita uma pesquisa visual a partir de imagens gráficas retiradas de projetos voltados para as causas feministas mais citados na pesquisa quantitativa. Segundo Ellen Lupton “Procurar padrões repetitivos, tendências, como por exemplo, vocabulário recorrente, cores mais usadas, ou características consistentes em produtos” (2013, p.39). Com isso, deveriam ser observados e documentados os padrões estéticos de comunicação visual utilizados nestes projetos. Essa etapa foi necessária para registrar as percep-

ções sobre as imagens encontradas nas páginas mencionadas no questionário. Neste processo foram observadas quais fontes normalmente são utilizadas e para que elas são utilizadas, além da verificação do que une e o que separa as imagens selecionadas umas das outras, e principalmente observando os usos de tipografias em cada uma dessas imagens.

Definição de Conceitos

Essa etapa foi feita para identificar conceitos sugeridos a partir das pesquisas anteriores, investigação do assunto e pesquisa visual.

2.2 Concepção

Nesta segunda grande etapa do projeto, foram desenvolvidos os primeiros esboços feitos a mão a partir das pesquisas feitas na etapa de Inspiração deste projeto. Essa fase tem por objetivo selecionar o melhor resultado final.

Os primeiros esboços feitos a mão foram digitalizados e adaptados para o uso no *software* para então definir o desenho dos caracteres. Após a finalização desta etapa foi realizado o refinamento da fonte.

A Geração foi sub-dividida em:

Tomada das primeiras decisões

Antes de iniciar o processo da criação da fonte é preciso ter claro o que o projeto quer alcançar. Com isso, nessa etapa foram definidos alguns parâmetros do projeto, como por exemplo: finalidade, meio de veiculação, abordagem.

Neste momento do projeto foram definidas as ferramentas a serem utilizadas na criação da fonte tipográfica. Desde as ferramentas que foram utilizadas no desenho até o *software* de edição de fontes digitais.

Primeiros esboços

Não existe nenhuma especificação afirmando que para começar a fazer uma nova tipografia ela precisa ser feita a mão. Porém, para este projeto produzir os primeiros esboços a mão fez parte do escopo, considerando que se trata de um movimento social, que já tem parte da sua representatividade em tipografia manual de cartazes e afins.

Desenho de Caracteres

Para a tipografia ser transformada para o uso digital, é preciso que ela passe por um *software* especializado. Por se tratar de desenho de vetores, a fonte pode ser feita inicialmente em qualquer programa de ilustração de vetor. Porém, como o objetivo final é disponibilizar para pessoas que produzem conteúdo para causas feministas, entende-se que é importante o produto final ser compatível com o maior número de computadores e que sua instalação siga o padrão mais utilizado. Com isso, foi preciso escolher um *software* específico de fontes digitais para ser feita a programação da fonte. Esse *software* foi escolhido com base nas necessidades do projeto.

Ainda dentro desta fase, assim que o *software* foi escolhido, os primeiros esboços foram definidos e transformados em um alfabeto finalizado em vetor. E depois, passado para os ajustes finais no *software* específico.

Finalização e refinamento

Após a definição da fonte, foi necessário fazer os ajustes estruturais utilizando o *software*. Estes ajustes permitem a legibilidade da fonte. Essa etapa foi muito importante, pois foi onde se definiu o ajuste do espaço global entre as letras (NIEMEYER, 2010, p.72). Esta finalização permitiu o refinamento da fonte bem como o fechamento de arquivo com o conteúdo finalizado.

2.3 Aplicação

Com a fonte finalizada, a última etapa foi identificar onde poderia ocorrer a aplicação da mesma. Dentro deste projeto, acredita-se que aplicação da tipografia foi uma das etapas mais importantes, pois é ao ser aplicada que a fonte tipográfica entra em contato o público alvo.

Aplicações da fonte

O arquivo da fonte foi enviado para algumas alunas de Design envolvidas com movimentos feministas, para que elas se sentissem a vontade em realizar testes de aplicações voltados para a causa.

Divulgação

Foi feito um Type Specimen para divulgação final do projeto. Type Specimen é uma peça gráfica (digital ou impressa) que apresenta a fonte. Em geral traz todos os caracteres, textos sobre o conceito e a aplicação e composições com a fonte.

A partir dele é que a fonte foi divulgada para que outros projetos envolvidos com a causa feminista tenham acesso a ela.

Figura 4 e 5: exemplos de Type Specimen



Fonte: Display ²



Fonte: MEÜRER, OLIVEIRA, 2015³

2 Disponível em: <http://goo.gl/EcYhWl> Acesso em: 05/06/2016

3 Disponível em: <http://goo.gl/TH56Vo> Acesso em: 05/06/2016

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Pesquisa

3.1.1 Investigação do assunto

Não existe uma data específica que determina o início do feminismo no Brasil. Mas foi no final do século XIX, em decorrência ao movimento sufragista, que identificou-se a primeira onda do feminismo no mundo. Termo este mostrado no livro “Uma história do feminismo no Brasil” de Céli Regina Jardim Pinto. Nessa primeira onda a preocupação era relacionada a questões de direito ao voto e cidadania sem questionar a outros tipos de opressões que as mulheres sofriam. Foi considerado um movimento conservador apelidado por Céli de Feminismo “bem comportado” (2003) onde as mulheres não queriam alterar as relações de gênero, elas apenas queriam avançar com o bom andamento da sociedade.

A segunda onda, conhecida como Feminismo “mau comportado” (PINTO, Céli, 2003) que começou a discutir diferentes tipos de opressões sofrida pela mulher e coisas como direito ao prazer, trabalho da mulher e violência sexual. Esse feminismo no Brasil, foi um dos movimentos sociais que também lutou contra a ditadura. Essa segunda onda que começa no fim dos anos 1960 já trazia uma tentativa de contestar a opressão sofrida pela mulher.

Nos anos 1980, começaram as críticas à segunda onda em relação a unificação do termo mulher, evidenciando fronteiras de classe, raça, sexualidade. A filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler faz críticas indicando que o discurso feminista universal é excludente. Butler diz que não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, e que a identidade é performativamente constituída.

Em decorrência as problematizações sobre as generalizações, começaram os questionamentos sobre a própria palavra feminismo que passou a ser usada com hífen e também com S no final, entendendo que existem diferentes tipos de feminismos.

Assim, por pressão das mulheres fora desse perfil [mulheres brancas, de classe média e heterossexuais], iniciou-se um processo que Biondi (2000) denomina “colocar hífen”, ou seja, uma tentativa de afirmação de outras identidades, anteriormente, não visíveis ou reconhecidas dentro do movimento. Desse modo, muitas mulheres passaram, então, a identificar-se

como “feminista-negra”, “feminista-lésbica”, feminista-proletária”. Essa iniciativa representou a introdução de novas questões e a legitimação de identidades que precisavam ser contempladas dentro do movimento. (ZANETTI, 2011, p.49)

Como mencionado anteriormente, ainda hoje a causa feminista levanta pautas em relação a direitos reprodutivos, pagamento igualitário para o mesmo cargo, diversidade corporal em questão racial, representatividade na publicidade nas mídias, violência sexual, mulheres em cargos políticos entre outras.

No Brasil uma das conquistas recentes mais importantes e mais conhecida em relação aos direitos da mulher, foi a Lei Maria da Penha. Esta lei foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2006 e prevê punições no caso de violência doméstica, mesmo dentro de casa.

Após sofrer mais de 2 tentativas de assassinato pelo marido, tendo em uma delas ficado paraplégica, Maria da Penha lutou por quase 20 anos para a condenação de seu agressor. Apesar da condenação pelas tentativas de homicídio, o agressor conseguiu ficar em liberdade, evidenciando a impunidade em relação a casos de violência doméstica.

Em 2015, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apresentou dados mostrando que a Lei Maria da Penha contribuiu para a diminuição de cerca de 10% na taxa de homicídios contra mulheres, praticados dentro das residências das vítimas. Segundo a pesquisa intitulada Violência e Assassinatos de Mulheres (Data Popular/Instituto Patrícia Galvão, 2013), apenas 2% das pessoas no Brasil nunca ouviram falar desta lei e ainda de acordo com a pesquisa, as mulheres passaram a denunciar mais casos de violência em decorrência dessa lei. O portal Brasil, um website oficial do governo federal brasileiro, afirma que esta lei não trata apenas da agressão física cometida contra a mulher, ela engloba também sofrimento psicológico, violência sexual e violência patrimonial.

Sofrimento psicológico, como o isolamento da mulher, o constrangimento, a vigilância constante e o insulto; Violência sexual, como manter uma relação sexual não desejada por meio da força, forçar o casamento ou impedir que a mulher use de métodos contraceptivos; Violência patrimonial, entendido como a destruição ou subtração dos seus bens, recursos econômicos ou documentos pessoais. (PORTAL BRASIL, 2015)

É quase impossível citar todos os abusos que as mulheres sofrem diariamente. No dia 21 de outubro de 2015, as responsáveis pelo site “Thinkg Olga”, que já haviam lançado uma campanha na internet chamada “chega de fiu-fiu” lançou a *hashtag* na rede social *Twitter* #primeiroassedio que estimulava as mulheres a compartilharem a primeira vez em que sofreram assédio. A maioria das histórias se passavam quando as meninas tinham entre 6 a 15 anos, onde tiveram contato com homens que falavam frases de cunho sexual, pegavam em suas partes íntimas, ou até se masturbavam na sua presença. Esses tipos de histórias só mostram como está normalizado em nossa sociedade a questão do abuso à mulher. Estes depoimentos indicam que as mulheres foram condicionadas a naturalizar os abusos sexuais desde muito novas. Contudo, com a proporção que as discussões de gênero e feminismo vem alcançando, agora muitas mulheres são capazes de reconhecer e de denunciar que sofreram abusos.

Poucos dias depois que esta *hashtag* foi lançada, no dia 25 de outubro de 2015, aconteceu a prova nacional do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), cujo tema da redação: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. O ENEM foi criado em 1998 e servia como avaliador de aprendizado de alunos que estavam saindo do Ensino Médio. Em 2009 o exame se tornou um meio de seleção unificada, ele serve como vestibular para o ingresso em diferentes faculdades públicas e particulares do Brasil. Além da oportunidade de entrada nas Universidades, o ENEM pode ser usado como sistema de seleção à projetos educacionais como o programa de intercâmbio Ciências Sem Fronteiras, de financiamento de faculdades particulares, FIES, e também ajuda pessoas que tem mais de 18 anos a conseguirem o certificado do Ensino Médio (PORTAL TERRA, 2015).

O tema da redação do ENEM sempre busca abordar assuntos pertinentes e atuais que evidenciam discussões relevantes para a sociedade. O que reforça a pertinência do tema da redação, é que nesse ano de 2015 foi sancionada pela presidenta⁴ Dilma Rousseff, primeira presidente mulher do Brasil, a chamada Lei do Femicídio. Essa lei transforma em crime hediondo o assassinato de mulheres em decorrência de violência doméstica ou de discriminação de gênero. Segundo o IPEA, em pesquisa realizada em 2013, o Brasil registra 5,6 mil crimes que se enquadrariam como feminicídio a cada ano. A escolha do tema da redação do ENEM evidencia que existe uma preocupação governamental em relação a discussão entre jovens em volta da

4 O termo “presidenta” existe desde 1899 no dicionário de Cândido de Figueiredo: “Presidenta, f. (neol.) mulher que preside; mulher de um presidente. (Fem. de presidente.)”

violência contra mulher, já que se trata de um exame aplicado à cerca de 7,5 milhões de pessoas, segundo o Ministério da Educação, maioria jovens que estão saindo do Ensino Médio.

Com a popularização da internet mais pessoas tem acesso a informação. “A universalidade da linguagem digital e a pura lógica das redes do sistema de comunicação geraram as condições tecnológicas para comunicação global horizontal”. (CASTELLS, 1999, p.82) Além disso, a internet se tornou uma extensão da “vida real” pois com ela é possível se conectar com pessoas de diferentes lugares do mundo. Sendo assim, um grande número de pessoas tem mais acesso a discussões, que talvez elas não presenciassem durante sua convivência fora do espaço online. Também em decorrência dessa proximidade gerada pela internet, ficou mais fácil encontrar pessoas que compartilham dos mesmos interesses.

Novas formas de comunidade estão surgindo: essas novas comunidades são definidas por afiliações voluntárias, temporárias, táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. Os membros podem pertencer a mais de uma comunidade ao mesmo tempo. As comunidades, entretanto, são mantidas por meio da produção mútua e troca recíproca de conhecimento. (JENKINGS, 2008, p.55)

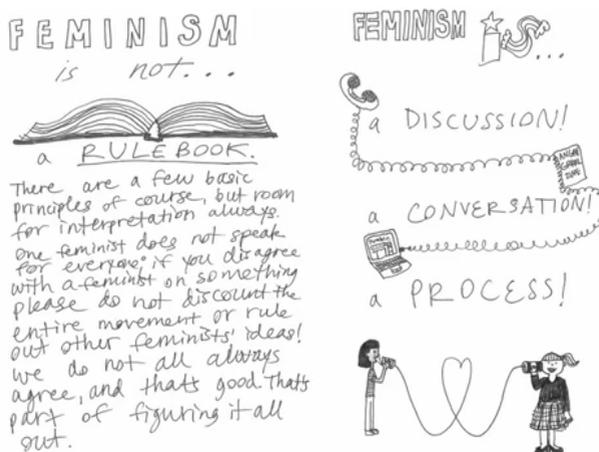
Uma das maiores dificuldades dos movimentos sociais é a questão da comunicação, e o acesso a internet veio facilitar os modos pelos quais as pessoas entendem e aderem a estes movimentos. Porém, por mais que seja uma facilidade, os movimentos precisam entender a importância de se adaptar a essas novas tecnologias e consequentemente conseguir novos simpatizantes. No caso dos feminismos, pode-se dizer que já existe uma certa adaptação disso, existem muitos grupos de debates online, páginas do *Facebook*, sites, *blogs* especializados neste tema e em suas ramificações.

Na opinião de algumas jovens, uma linguagem para ser atraente e chegar mais próximo delas teria que dialogar nestes espaços [e-mail, redes sociais, blogs], também, e não apenas com materiais impressos. É interessante notar que esta crítica entroniza certo clichê na medida em que as novas tecnologias da informação se impõem sem pedir licença a todas nós que fazemos política e ciência feministas, independente da idade.

Um bom exemplo de prática política feminista multi-geracional no mundo virtual, mas não apenas, é o das Blogueiras Feministas .(GONÇALVES, FREITAS, OLIVEIRA, 2013, p.16)

Tavi Gevinson falou em uma palestra do TEDxTeen 2011 contando sua experiência pessoal sobre crescer e questionamentos que acaba enfrentando em razão deste processo. Nesse TED ela falou do dia em que se tornou feminista e levou o feminismo para o seu *blog* de moda. Na apresentação, ela utilizou slides com a seguinte frase escrita a mão “O feminismo não é um livro de regras, é uma discussão, uma conversa, um processo” (figura 6). Por sua participação neste TED, e por outras atuações, aos 18 anos Tavi Gevinson foi apontada pela Revista Time entre os 25 jovens mais influentes de 2014. Ela foi um exemplo da visibilidade que as questões feministas tem nos dias de hoje referente a diferentes faixas etárias, que no caso dela, foram meninas pré-adolescentes e adolescentes.

Figura 6: slide da apresentação do TED de Tavi Gevinson



Fonte: TEDx Teen⁵

⁵Disponível em: https://www.ted.com/talks/tavi_gevinson_a_teen_just_trying_to_figure_it_out Acesso: 11/11/2015

Além de promover discussões no universo online, a internet permite externalizar as ações de grupos e movimentos. A exemplo disso, a Marcha das Vadias é um movimento que ganhou força através das redes sociais online. A primeira Slutwalk, Marcha das Vadias em português, aconteceu em 2011 em Toronto no Canadá e foi uma resposta a uma declaração de um policial sobre segurança no campus da universidade. O policial afirmou que mulheres poderiam evitar serem estupradas se parassem de se vestir como sluts (tradução de vagabundas, putas, vadias). Essa declaração representa como parte da sociedade justifica a violência sexual com base no comportamento e corpo das mulheres.

A primeira Slutwalk de Toronto teve como principais bandeiras o fim da violência sexual e da culpabilização da vítima, bem como a liberdade e a autonomia das mulheres sobre seus corpos. (GOMES, SORJ, 2014, p. 437)

A marcha acontece ainda hoje e é essencialmente frequentada por jovens. É através das redes sociais online que as mulheres organizam encontros presenciais. Onde levam cartazes, vestem roupas consideradas “provocantes”, às vezes sutiãs ou mesmo sem eles, escrevem em seus corpos, entre outros tipos de manifestações menos conservadoras. (Figuras 7 e 8)

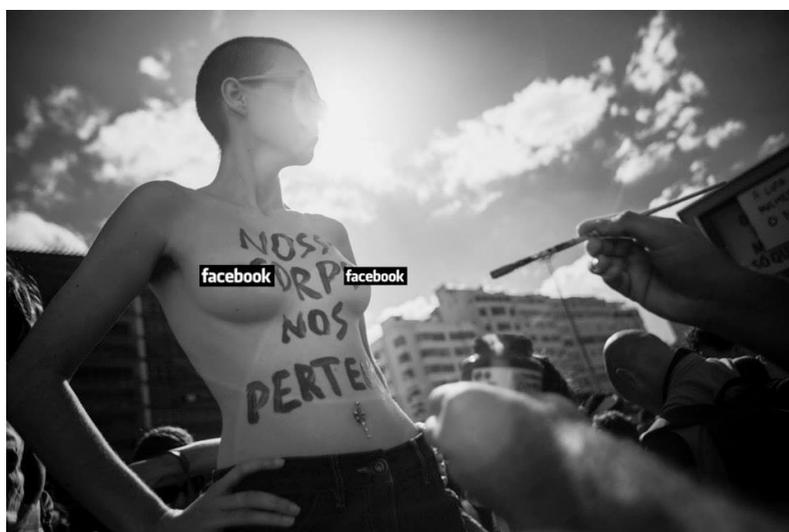
O corpo tem um importante e duplo papel na *marcha*: é objeto de reivindicação (autonomia das mulheres sobre seus corpos) e é também o principal instrumento de protesto, suporte de comunicação. É um corpo-bandeira. Ao subverter o uso acusatório do termo “vadia”, a *marcha* reivindica o termo para si e o ressignifica positivamente como “empoderamento”. (GOMES, SORJ, 2014, p. 437)

Por ser considerado um movimento mais agressivo, algumas correntes dentro dos feminismos não concordam com esse tipo de movimento. Porém este movimento é só mais um exemplo de como pessoas mais jovens estão incomodadas pelas diferenciações de gênero. Neste sentido, o público feminista jovem foi identificado como um possível nicho a ser abordado neste projeto.

Figura 7 e 8: Marcha das Vadias no Rio de Janeiro 2013



Fonte: Mídia NINJA, 2013⁶



Fonte: Mídia NINJA, 2013⁷

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/midiaNINJA/photo/a.209324489225704.1073741857.164188247072662/209327089225444/> Acesso: 15/11/2015

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=208967525928067> Acesso: 15/11/2015

3.1.2 Pesquisa Quantitativa

Para melhor entender o público deste projeto foi elaborado um questionário divulgado primeiramente em grupos relacionados ao curso de Design da UFSC e posteriormente compartilhado em grupos feministas.

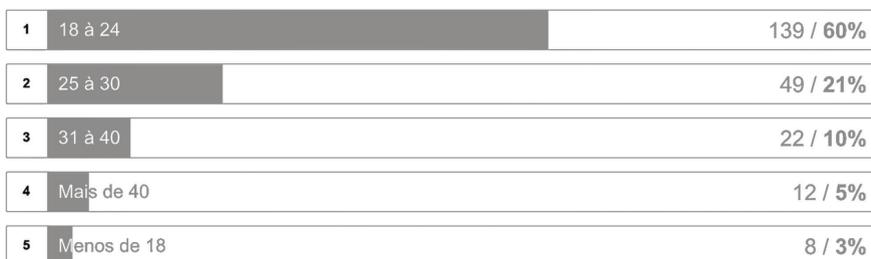
O questionário ficou disponível para ser acessado e respondido entre os dias 18 e 23 de outubro de 2015 e obteve 230 respostas. As perguntas, tiveram o objetivo de investigar em quais canais de comunicação as entrevistadas costumam acompanhar discussões feministas e de gênero. Além das perguntas objetivas foram feitas perguntas abertas com a intenção de investigar quais tipografias normalmente são usadas em produções de textos feministas e afins.

Na introdução do questionário foi especificado que o questionário era apenas para pessoas que acompanham discussões sobre gênero e feminismos.

Perfil das entrevistadas:

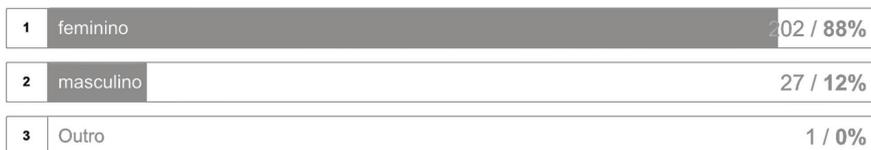
Quantos anos você tem?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



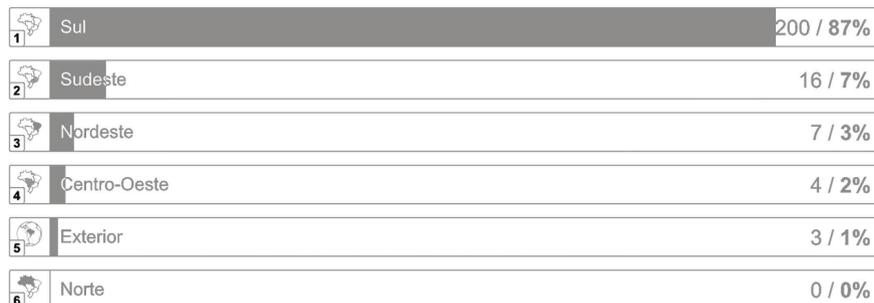
Qual gênero você se identifica?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



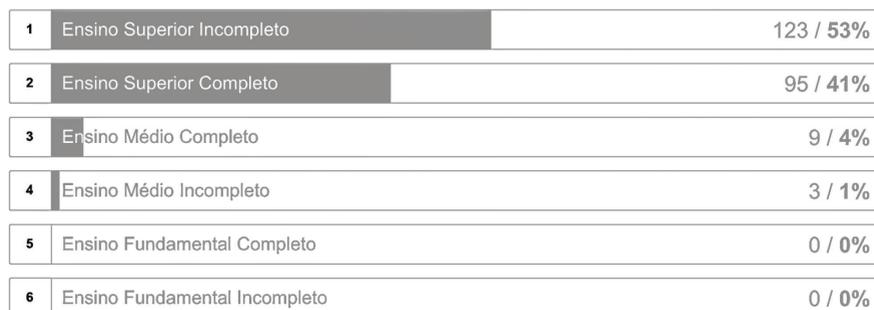
Em qual região você mora?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



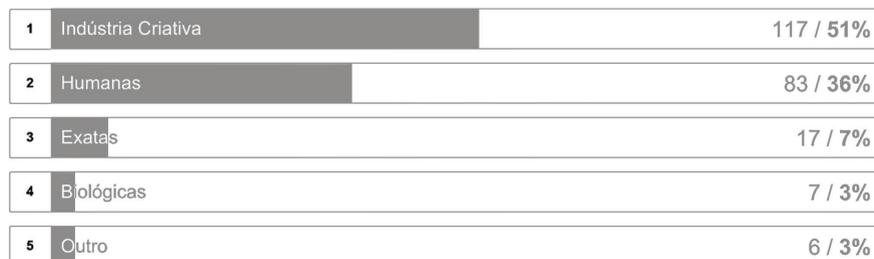
Qual sua escolaridade?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



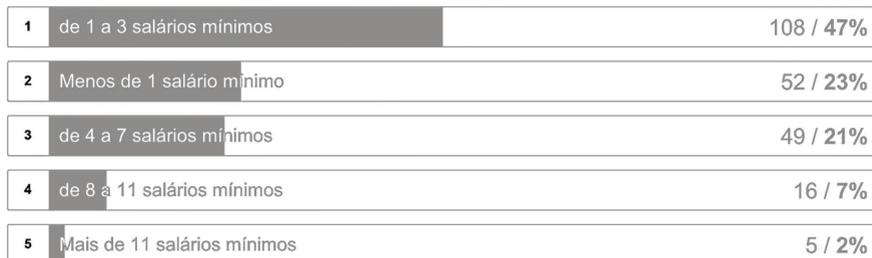
Qual sua área de atuação ou profissão?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



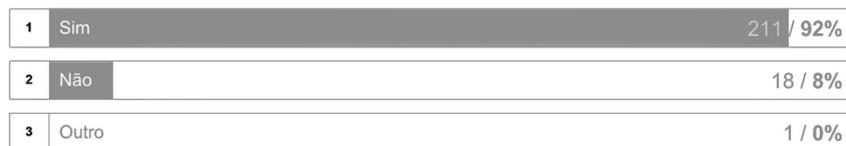
Qual sua renda mensal?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



Você se considera feminista?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



Mesmo estando aberto para pessoas que não se consideram feministas, mas que acompanham discussão de gênero, apenas 8% das pessoas que não se consideram feministas responderam o formulário. Das 18 pessoas que responderam que não se consideram feministas metade se identificam com o gênero masculino e a outra metade com feminino.

Muitas mulheres apesar de discutirem desigualdade e outros assuntos relacionados a gênero, tendem a ter um preconceito contra a palavra feminismo. Isso pode ocorrer pela falta de conhecimento do real significado da palavra, da falta de entendimento de que feminismo não é o contrário de machismo, mas que prega a igualdade de direitos entre os gêneros. Em relação aos homens, mesmo os que buscam a igualdade de gênero, é possível que eles hesitem em afirmar que são feministas para que não haja disputa com a mulher em relação ao “protagonismo” do movimento.

Com base nos argumentos expostos, julgou-se necessário elaborar uma questão para investigar se os entrevistados se consideram feministas ou não. Também foi perguntado quando e como a pessoa passou a se considerar feminista.

Quando você passou a se considerar feminista?

229 de 230 pessoas responderam esta pergunta

1	2 anos atrás	52 / 23%
2	3 anos atrás	46 / 20%
3	1 ano atrás	41 / 18%
4	Mais de 5 anos atrás	37 / 16%
5	Mais de 10 anos atrás	30 / 13%
6	Pular essa questão	18 / 8%
7	Esse ano	11 / 5%

Tendo em vista que 60% das entrevistadas estão na faixa etária entre 18 à 24 anos, é justificado que a maioria tenha respondido que passou a se considerar feminista entre 1 a 3 anos atrás. Isso reforça que o feminismo está alcançando cada vez mais pessoas jovens.

Como você acredita que passou a se considerar feminista?

230 de 231 pessoas responderam esta pergunta

1	Discutindo com amigas	114 / 50%
2	Lendo blogs feministas	97 / 42%
3	Lendo notícias na internet	88 / 38%
4	Discutindo com colegas na faculdade	82 / 36%
5	Lendo grupos de discussão	80 / 35%
6	Um acontecimento na minha vida (discriminação, violência, causadas por gênero)	79 / 34%
7	Discutindo com a família	48 / 21%
8	Ações de grupos feministas	46 / 20%
9	Vendo vídeos no youtube	45 / 20%
10	Participando de organizações estudantis	23 / 10%
11	Participando de organizações feministas	18 / 8%
12	Pular essa questão	17 / 7%
13	Outro	13 / 6%

Para a pergunta que questiona o modo como a pessoa passou a se considerar feminista, foi escolhido o modelo de múltipla escolha com a finalidade de analisar quais as formas que as influenciaram para esclarecer o tema o suficiente para se considerar feminista. Ficou bem claro que a discussão entre amigas e com colegas de faculdade são um ponto importante para esclarecimento do tema. E pode-se notar a importância da internet como ferramenta para desenvolvimento dessa discussão.

Quando se trata de meios de comunicação, a maioria das pessoas entrevistadas respondeu acompanhar através de meios digitais, principalmente relacionados ao *Facebook* (páginas feministas, compartilhamento e páginas de assunto gerais).

Em quais meios de comunicação você costuma acompanhar discussões sobre gênero?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta

1	Páginas do facebook feministas	158 / 69%
2	Conversas entre amigos	150 / 65%
3	Compartilhamentos de amigos no facebook	138 / 60%
4	Páginas do facebook de assuntos gerais	126 / 55%
5	Blogs feministas	118 / 51%
6	Blogs de assuntos gerais	107 / 47%
7	Grupos feministas no facebook	100 / 43%
8	Revistas e/ou jornais online	99 / 43%
9	Grupos de assuntos gerais no facebook	46 / 20%
10	Reuniões de organizações feministas	41 / 18%
11	Revistas e/ou jornais impressos	29 / 13%
12	Outro	7 / 3%

Foi feita uma pergunta questionando como as pessoas entrevistadas fazem para acompanhar discussões de gênero, e novamente os meios mais recorrentes são relacionadas a internet e conversas entre amigos. Após este questionamento foi pedido para que elas citassem quais veículos que elas mais acompanham e se possível, indicassem websites deles.

Os mais citados foram: os *blog* “Lugar de Mulher”, “Escreva Lola Escreva”, e “Blogueiras Feministas”; as páginas do *Facebook* mais citadas foram “Não me Kahlo”, “Feminismo Sem Demagogia” e “Empodere Duas Mulheres”; Esses meios de comunicação citados foram analisados ao decorrer do trabalho.

Você participa ou já participou de alguma organização feminista ou sobre discussão de gênero?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



Você já produziu algum conteúdo para dar visibilidade a causa feminista ou de discussão de gênero?

230 de 230 pessoas responderam esta pergunta



Das 230 respostas, 34% da(os) entrevistada(o)s, o que corresponde a 38 pessoas, afirmam ter produzido algum conteúdo para dar visibilidade a causa feminista ou de discussão de gênero. Essas pessoas responderam a uma pergunta aberta que pedia que descrevessem como faziam a escolha tipográfica.

Além disso, 94% das pessoas que responderam o questionário estão na Universidade fazendo a graduação ou pós graduação, 13 pessoas responderam que os textos que produzem para a causa feminista são seguindo as normas de trabalhos acadêmicos (ABNT). Outras 11 responderam que produziram conteúdos para *blogs*, que já possuíam fonte padrão, ou ainda compartilharam pensamentos e ideias através de posts na rede social *Facebook*.

As 12 pessoas que responderam sobre projetos que participaram e que tinham mais liberdade criativa (como zines, desenhos, cartazes, imagens para compartilhamento e etc) todas responderam que buscam usar “fontes feitas a mão” ou que simulassem isso. Uma delas escreveu: “No geral, além disso, um aspecto que considero relevante em alguns projetos é o de utilizar fontes que tenham um aspecto artístico manual, com estilo brush ou caligráfico, pois tento demonstrar na linguagem visual a relação com o feito a mão, que é um elemento bastante forte na militância.”

Através deste questionário foi possível perceber a importância da comunicação em meios digitais para o movimento feminista principalmente para o alcance em relação a mulheres jovens que estão no seu período de graduação. E isso reflete na construção dessa nova tipografia que foi focada então, para ser utilizada em meios digitais.

3.1.3 Pesquisa Visual

Apesar de o formulário ter se estendido a mais faixas etárias a faixa a ser analisada é a de 18 à 30 anos. Nessa faixa, os sites mais citados foram: Os *blogs* “Lugar de mulher”, “Blogueiras feministas”, “Escreva Lola Escreva”. As páginas de *Facebook* “Feminismo Sem Demagogia”, “Não me Kahlo”, “Empodere duas mulheres”.

Blog Lugar de Mulher

“Lugar de Mulher” obteve 23 menções no questionário deste projeto. Ele é um site voltado para o público feminino. Na descrição da página, as editoras afirmam que criaram o site porque estavam cansadas de “sites de mulher com dicas de como secar a barriga, como se vestir pra agradar homem, como decorar sua casa com itens caríssimos, como ser poderosa em 12 lições.”. Além do site oficial, as administradoras possuem uma página na rede social *Facebook* que até o dia 05/06/2016 contava com 80,505 de curtidas e segundo o próprio site até o dia 05/06/2016 eles tinham mais de 9 milhões de acessos.

Figura 21 e 22: Capa e foto do perfil da fanpage do Facebook “Lugar de mulher”



Fonte: Fanpage Lugar de Mulher⁸

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/mulherdelugar/> Acesso em: 05/06/2016

Figura 23 : Página Inicial do *blog* Lugar de Mulher

Maneiras Libertinagem Bonzetas *Lugar de Mulher* Quereias Prenhas Entradas

MANEIRAS **Traição e a cultura do machão**
- Mari
Perseu que você fosse maior que Iago - Lucy
Resacca moral, o cabresto da sociedade - Clau

MANEIRAS **A namorada chata, louca e ciumenta**
- Palana se acha mó chata!
- Fernany Jaykuaud

LIBERTINAGEM **Love, aka, já peguei esse babaca**
"Eu não é um cara legal, eu é um fela legal o que é muito pior que ser cruel". Com essas sábias palavras da sua ex-namorada não estou apresentando a basicamente tudo que precisamos saber sobre o personagem central de Love, nova série da Netflix, dirigida pelo Juad Apatow.
- Mari

BONZETAS **Eu não aguento mais ser mulher**
Eu não entendo stal. Eu gosto de ser mulher. Eu não gosto do que "ser mulher" significa no mundo em que vivemos.
- Elize

PRENHA **Multiplex - Dia da Mulher**
Em tempos de redução de gastos, os pontos dos programas de fidelidade podem ser grandes aliados para as mulheres continuarem a viajar e comprar tudo o que elas quiserem
- Lugar de Mulher

QUEREIAS **Lugar de Mulher e Mãe não é no Facebook?**
Esse guest post é da companheira de militância e amiga, a jornalista Ellen Pais, que teve seu facebook bloqueado na véspera do oito de março por conta de denúncias falsas em seu perfil.
- Renata Correia

LIBERTINAGEM **Personagens Maravilhosas**
Umás décadas atrás era possível contar nos dedos os seriados com protagonistas mulheres (e os com protagonistas mulheres ídols, então, era possível contar só nos indicadores). Claramente, porém, o mundo está mudando e elas são cada vez mais comuns.
- Mari

MANEIRAS **Por que eu decidi emagrecer**
É, esse pode ser um tema polêmico.
- Liane Jorge

1 2 3 4 5 ... 10 20 30 ... Última

MAIS LIDOS
A vida sem pilula (spalten é boa)
- Mari
A namorada chata, louca e ciumenta
- Fernany Jaykuaud
Love, aka, já peguei esse babaca
- Mari
Ela me ajuda
- Mari

EM ALTA
CUEST POST · CORDOFOBIA · IR CAGAR NINGUÉM QUER NÉ · MACHISMO · FEMINISMO · RELACIONAMENTOS · SEXO · RACISMO · MULHERES MARAVILHOSAS · MATERNIDADE · AMOR · PODE BEM · FATSISMO · COMBO · EMPODERAMENTO · LIBERDADE · MISOGINIA · CHEGA DISCO · CEBICA · AUTOESTIMA · HONENZINHO DE MERDA · BELEZA

INSTAGRAM

Lugar de Mulher
É onde ela quer
sobre nós · Anúncio · Contato
© Juad · Todos os direitos reservados.

Seguir: **Maneiras**, **Libertinagem**, **Bonzetas**, **Quereias**, **Prenhas**, **Entradas**
Em alta: **Cuest Post**, **Condição**, **Ir cagar ninguém quer né**, **masculino**, **relacionamentos**
Sign: **Twitter**, **Facebook**, **Aster o RSS**

Fonte: *Blog* Lugar de Mulher⁹

Blog Blogueiras Feministas

O site “Blogueiras Feministas” é totalmente voltado para o feminismo e procura fomentar discussões em busca de uma sociedade igualitária. Em sua descrição o *blog* se assume como sendo de cunho político. O *blog* recebe envio de textos por pessoas de fora dele, e divulgam desde que passe pela análise da moderação da página. O site é sinalizado com selo de Licença *Creative Commons*, que dá direito a uso, contanto que haja atribuição da autoria, sem uso comercial e compartilhando os mesmos termos de uso. A página no *Facebook* possui 76.621 acessos até o dia 05/06/2016.

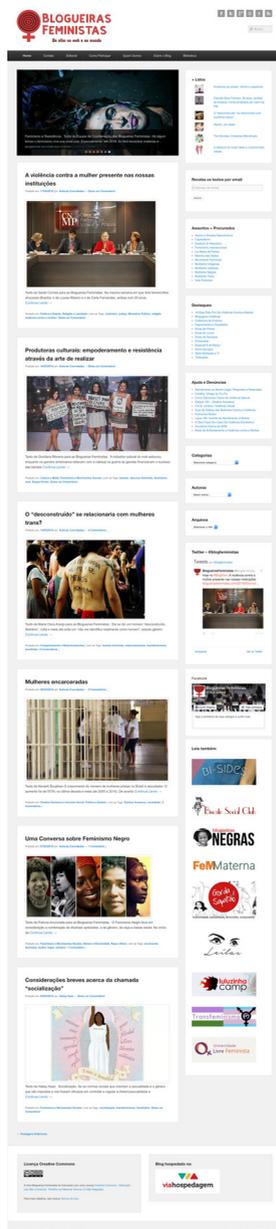
Figura 24 e 25: Capa e imagem perfil da fanpage do Facebook “Blogueiras Feministas”



Fonte: *Fanpage* Blogueiras Feministas¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/blogueirasfeministas/> Acesso em: 05/06/2016

Figura 26 : Página Inicial do Blogueiras Feministas



Fonte: Blogueiras Feministas¹¹

11 Disponível em: <http://www.blogueirasfeministas.com/> Acesso em: 05/06/2016

Blog Escreva Lola Escreva

O site “Escreva Lola Escreva” é um *blog* pessoal de Lola Aronovich, uma professora da Universidade Federal do Ceará e doutora em Língua Inglesa pela UFSC. O *blog* é sobre assuntos gerais, porém ganhou notoriedade pelas discussões feministas desenvolvidas pela autora. No questionário, o *blog* da Lola recebeu apenas 12 menções mas foi o segundo *blog* mais mencionado. A página tem uma fanpage no *Facebook* criada e é moderada por fãs do *blog* com 27,039 curtidas até a data de 05/06/2016.

Em novembro de 2015 Lola escreveu uma matéria para o *blog* do Sakamoto¹² para a campanha #AgoraÉQueSãoElas, onde jornalistas homens sediam seus espaços em *blogs* e sites para que mulheres falassem sobre questões de gêneros e direitos das mulheres. Nessa matéria Lola falava sobre as ameaças diárias de morte que recebe por ser feminista. Ainda em 2015 grupos machistas utilizaram o nome de Lola para criar um *site* falso que falava sobre ódio, pedofilia entre outros assuntos totalmente contrários ao discurso dela. Este *site*, segundo ela, acabou tendo mais visualização que o seu *blog* original e isso quase a fez desistir de escrever em seu *blog*. Mas a repercussão desse caso não foi apenas negativa, ela acabou tendo uma visibilidade positiva na grande mídia, e foi chamada para participar de um Congresso Nacional sobre violência contra mulher e mídias sociais. Segundo ela, o seu *blog* tem cerca de meio milhão de visualizações por mês e segue sendo um dos maiores *blogs* feministas do Brasil.

Figura 27 e 28: Capa e imagem perfil da fanpage do blog Escreva Lola Escreva



Fonte: *Fanpage* Escreva Lola Escreva¹³

12 Leonardo Sakamoto é um jornalista e professor brasileiro conhecido pela luta pelos direitos humanos, e escreve sobre em seu *blog* no portal UOL.

13 Disponível em: <https://www.facebook.com/EscrevaLolaEscreva/> Acesso em: 05/06/2016

Fanpage do Facebook: Não me Kahlo

“Não me Kahlo” surgiu como uma página do *Facebook*. Hoje é um coletivo feminista e também possui um website que suas administradoras detém mais de 100 mil visualizações. Em seu *Facebook* até o dia 05/06/2016 tinha 963,403 curtidas. Ela foi a página de *Facebook* mais citada entre as entrevistadas com 22 menções.

Figura 30, 31, 32 e 33: Capa e imagem perfil e peças gráficas da página do *Facebook* Não me Kahlo





Fonte: Página do *Facebook* Não me Kahlo¹⁵

Fanpage do *Facebook*: Feminismo Sem Demagogia

A fanpage “Feminismo Sem Demagogia”, segundo a descrição em sua página, pertence a vertente do Feminismo Marxista. Na luta por um feminismo de Gênero, Raça e Classe. Foi citada 13 vezes pelas entrevistadas apesar de ser uma das páginas feministas com mais curtidas, com 1.080,068 até a data de 05/06/2016.

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/EscreveLolaEscreva/> Acesso em: 05/06/2016

Figura 34 e 35: Capa e imagem perfil da página do Facebook Feminismo sem Demagogia



Fonte: Página do Facebook Feminismo Sem Demagogia¹⁶

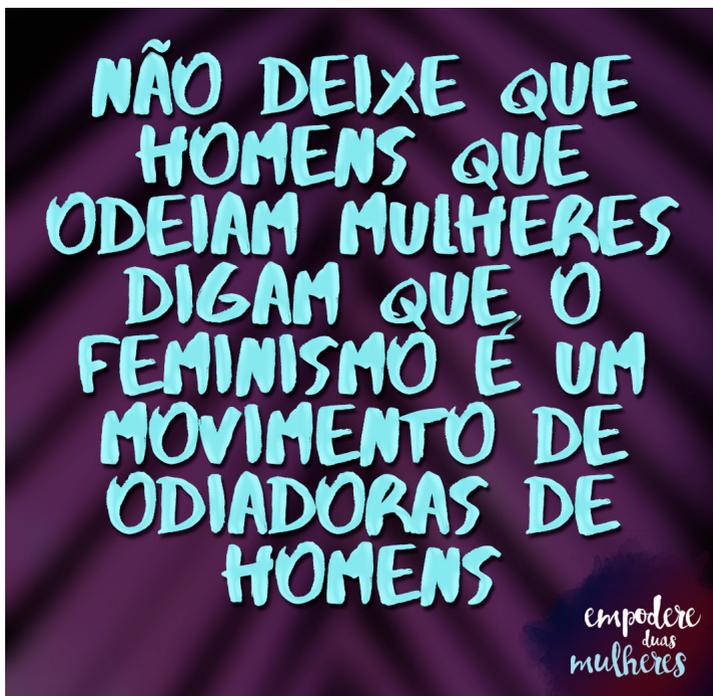
Fanpage do Facebook: Empodere duas Mulheres

A fanpage “Empodere Duas Mulheres” começou com a ideia de que é melhor empoderar as mulheres do que explicar feminismo para um homem. Ela possuía 905,124 curtidas até o dia 05/06/2016, e foi a segunda fanpage mais mencionada no questionário, com 19 menções.

Figura 36, 37, 38 e 39: Capa e imagem perfil e peças gráficas da página do Facebook Empodere duas mulheres



¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxista-Original/> Acesso em: 05/06/2016



No Dia Internacional
da Mulher,
tem mais homem
precisando pedir
desculpas do que dar
parabéns.

Fonte: Página do *Facebook* Empodere duas Mulheres¹⁷

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/EscravaLolaEscreva/> Acesso em:
05/06/2016

3.1.4 Levantamento de conceitos

A partir das etapas de pesquisa deste projeto, Investigação do Assunto e Pesquisa Visual, foram identificados alguns conceitos que guiaram a concepção da fonte:

União: apesar de, como foi falado antes, o feminismo não ter um “livro de regras”, um dos conceitos mais fortes pregados por esse movimento é a união entre as mulheres. Uma das palavras que vem sendo muito utilizadas dentro dos feminismos que também reforça o sentido de união é a palavra sororidade. Segundo uma matéria do O Globo feita em 26/03/2016 esse termo atingiu em março, principalmente por ser o mês do Dia da Mulher, a maior popularidade no Google Trends em 12 anos, que mede o volume de pesquisas feitas no Google. E no *Twitter* foram feitas 1.600 menções até o dia 17 de março, quase o dobro do total de março de 2015. Essa palavra tem origem do termo soror, que significa “irmã” em latim. Além disso, nos Estados Unidos existem as sororities, que são a versão feminina das fraternidades. Nelas são pregado que as garotas dentro de uma sororitie devem se ajudar incondicionalmente. Apesar da palavra não estar presente na maioria dos dicionários, o conceito de sororidade pode ser definido como uma irmandade entre as mulheres. No *blog* “Não me Kahlo”, um dos mais citados na pesquisa quantitativa deste projeto, a colaboradora Verônica Martz define sororidade como: “a união de mulheres contra o patriarcado, tática de luta contra a rivalidade feminina”.

Resistência: Dentro dos feminismos a palavra resistência pode significar várias coisas. Historicamente o feminismo é reconhecido como um movimento de resistência. Como falado antes, apesar de não existir uma data específica para o início das lutas do que hoje se entende como feminismo, ele já estava presente desde a Revolução Francesa. A resistência também pode fazer referência aos movimentos de resistência perante a ditadura militar, onde as mulheres tiveram um papel bem importante, assim como os feminismos. E também, a resistência pode também fazer jus às mulheres que enfrentam desde pequenas grandes agressões, físicas ou simbólicas no dia a dia e ainda estão de pé, aguentando e lutando por mais igualdade e justiça em relação a questões de gênero.

Diversidade: o feminismo não tem uma cara. É importante ter em mente que os feminismos, como falado antes, não se tratam de um movimento homogêneo, com objetivos específicos e claros. Ele é um movimento diverso, multicolorido, heterogêneo. E isso é pontuado no item 3.1.1 de investigação do assunto deste trabalho, que também falou sobre o processo de inclusão de hífens, que hoje temos por exemplo “feminista-negra”, “feminista-lesbica” entre outros.

3.2 CONCEPÇÃO

Apesar de os calígrafos não serem considerados tipógrafos, a história da tipografia deve ser iniciada pela caligrafia. Do texto manuscrito ao livro impresso, um longo caminho foi percorrido. (NIEMEYER, 2010, p.19)

Na investigação das páginas e sites citadas na pesquisa quantitativa, foi possível observar uma tendência do uso de tipografias de estilo manuscrito nos meios digitais, fontes que imitam a escrita feita a mão. Mas além das citadas, também é possível observar o crescimento do uso dessas fontes em diversos outros segmentos.

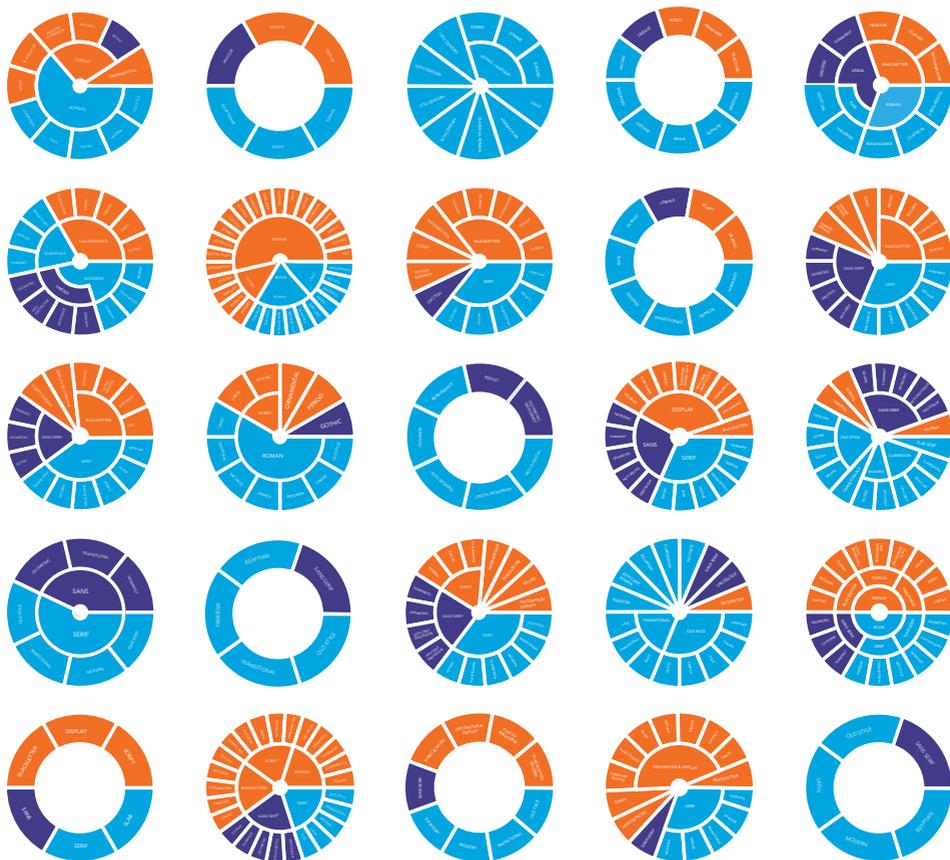
No começo de 2016 o site *Myfonts.com*, que é um dos sites de distribuição de fontes tipográficas mais conhecidos do mundo, listou as 15 fontes mais vendidas no ano de 2015. Entre essas fontes 8 eram exclusivamente cursivas ou tinham pelo menos uma variação cursiva dentro da família, reforçando essa tendência do uso de fontes manuscritas. Em um texto do site da empresa de mesas digitalizadoras *Wacom*, é citado 3 tendências tipográficas para o ano de 2016 e dentre elas estava o “estilo retrô”, aquarela e “tudo em maiúsculas”, sendo que esses dois primeiros estilos são normalmente representados por fontes *handwriting*. Esse texto, que foi traduzido do site *Design Shack* e escrito pela designer Carrie Cousin, fala que as fontes no “estilo retrô” não são normalmente encontradas em ferramentas grátis para a web como *Google Fonts* ou *Typekit*. E que, normalmente não tem qualidade o suficiente para serem impressas em grandes tamanhos, e também não apresentam muitos caracteres especiais ou outros estilos. Já as fontes que simulam aquarela normalmente são feitas por pincéis, ou para simular pincéis, e apresentam o mesmo problema que as fontes no “estilo retrô”.

3.2.1 Classificação da fonte

Existem divergências nos sites de venda de fontes, como exemplo do *Myfonts.com* que já foi citado, sobre classificação desse estilo de tipografias. E normalmente nesses sites elas são classificadas como *display*, *script*, ou com ambas as classificações. Academicamente não é diferente, pois também não existe uma unanimidade na classificação de tipografias. Em 2013, três alunas da universidade americana *Parsons School of Design*, fizeram um estudo reunindo 25 diferentes classificações (Figura 40) e sugeriram com base nesse

estudo uma classificação que abrangesse a maioria delas. Entre essas classificações estavam estudos desde pioneiros da tipografia como: Maximilien Vox que serviu como base para a classificação tipográfica VOX/ATypI, que coloca as caligráficas como uma aba maior, que engloba as *scripts*, gráficas, glyphs consequentemente as *display*; Ellen Lupton, que ignora a existência das *display* e classifica-as como “outras”. William Bevington e Siu Chong que introduzem a palavra *topical* como fontes que não são textuais.

Figura 40: *A visual overview of 25 typographic classifications*



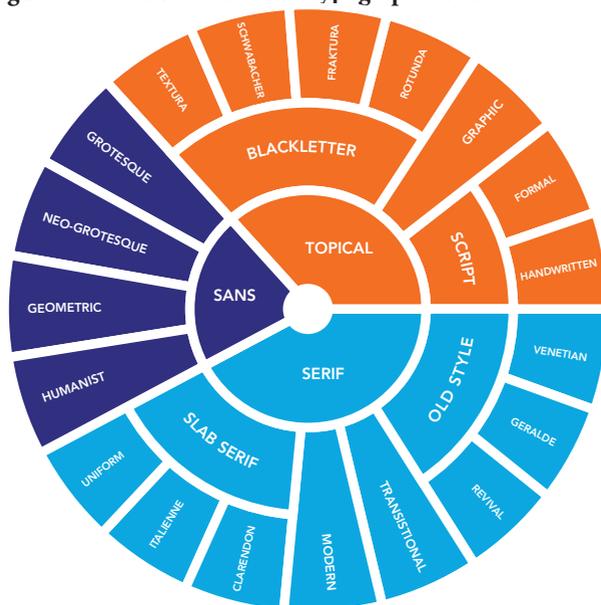
Fonte: Parsons Journal for Information Mapping 2013

A fins de evidenciar o conceito de sororidade, já definido anteriormente neste projeto, foi incorporado a este resultado tipográfico a ligação entre cada letra. Mas não só o conceito de sororidade, mas a ideia da união entre as mulheres estar ligada diretamente aos feminismos.

Dentro da conclusão do estudo feito pelas três alunas, Taylor Childres, Jessica Criscti e Liberty Leben (Figura 41), as fontes manuscritas produzidas neste presente projeto acabaram ficando classificadas como *Topical> Script> Handwriting*. Esse termo topical foi escolhido pelas autoras do seguinte estudo, também como conclusão para substituir o termo *display*. Que como falado antes, o termo Topical foi usado por William Bevington and Siu Chong para se referir a subdivisão das non-text faces, algo como “não fontes de textos”. Apesar de entender a importância de todas as classificações para qualquer projeto de construção tipográfica, este projeto só se ateu às que interferem no entendimento dessa nova tipografia deste projeto.

Como conclusão disso, a fonte produzida neste projeto de conclusão de curso, pode ser descrita como uma fonte *script* e *display* simultaneamente. Enquanto fonte *script* ela se enquadra por ser uma fonte cursiva, manuscrita. Enquanto fonte *display* ela é uma fonte não textual e produzida apenas para títulos, anúncios entre outros.

Figura 41: A visual “resolved” typographic classification



Fonte: Parsons Journal for Information Mapping 2013

3.2.2 Caligrafia e Tipografia

As fontes manuscritas são essencialmente caligráficas, exatamente por se tratarem de uma forma “bonita” de escrever. Quando se fala em caligrafia, muitas pessoas acabam se lembrando dos tempos de escola, com os cadernos pautados tentando escrever palavras e frases da maneira mais legível possível. A palavra Caligrafia vem do grego *κάλλος* *kalli* “beleza” + *γραφή* *graphē* “escrita” ou seja, ela pode ser definida como uma escrita bonita. Sendo assim, não bastaria apenas falar de escrita, caligrafia e tipografia sem entender quais são as características que as separam e quais são as que unem.

A maioria de nós nasce designer de tipos. Começamos a rabiscar quando bebê, a maior liberdade que jamais teremos. Depois passamos a obedecer a um estilo, levamos a caneta pra cima e pra baixo da linha pontilhada, somos premiados pela boa cópia. (GARFIELD, 2012, p.164)

A tipografia vem do grego do grego *typos* “forma” e *γραφή* *graphē* “escrita”. Segundo o dicionário Aurélio, a definição de tipografia é: 1. Arte que compreende as várias operações conducentes à impressão dos textos, desde a criação dos caracteres à sua composição e impressão, de modo que resulte num produto gráfico ao mesmo tempo adequado, legível e agradável. [Cf. imprensa (2).] 2. Tipologia (2). 3. Art. Gráf. Restr. Sistema de imprimir com fôrmas em relevo; impressão tipográfica. [F. red., nessas acepç.: tipo.] 4. Estilo ou arranjo do texto tipográfico. 5. Estabelecimento tipográfico.

E ainda poderia citar uma outra forma que também causa confusão entre os profissionais da área: o *Lettering*. O *lettering* é definido como let. ter. ing n 1 ato de marcar com letras. 2 rótulo. 3 título. 4 inscrição. (Dicionário Aurélio online). Sobre isso, no ano de 2012 foi criado por Martina Flor, uma *letterer* argentina, e Giuseppe Salerno, um calígrafo italiano, um projeto chamado *Lettering vs Calligraphy*. Que tem, segundo eles, consiste em um diálogo visual entre “*letterer e calligrapher*” (letrista e calígrafo), para explorar a capacidades das duas técnicas.

Caligrafia é uma escrita manual cujo propósito reside nela mesma, dedicada à qualidade de suas formas. (...) Letreiramento, ou *lettering*, é a escrita feita com formas construídas. No letreiramento, as formas são mais maleáveis do que na escrita manual, pois permitem retoques no traçado que podem gradualmente

melhorar (ou prejudicar) a qualidade das formas. (...) a tipografia é entendida como a escrita com letras pré-fabricadas. (NOORDZIJ, Gerrit, 2013, p.11, p.53)

Além de historicamente a caligrafia estarem altamente entrelaçadas “Os primeiros tipos foram modelados diretamente sobre as formas da caligrafia. No entanto elas não são gestos corporais, mas imagens manufaturadas para reprodução infinita.” (LUPTON, 2010). É importante salientar que tanto na escrita, caligrafia, lettering na tipografia é compartilhado um esqueleto comum nas formas genéricas das letras do alfabeto latino (no nosso caso). (MESEGUER, 2010, p.32).

Por todas estas descrições, podemos concluir que a escrita antecede o design de tipos e que, em sua forma mais estruturada, ou seja, na caligrafia, está a base para sistematizar o processo de desenhar letras e alfabetos tipográficos.” (MESEGUER, 2010, p.33)

Para iniciar o processo de criação de uma tipografia é importante conhecer todos os aspectos dela, conseqüentemente compreender o vocabulário tipográfico. Para isso não bastaria se ater à apenas uma bibliografia, pois assim como falado anteriormente, sobre as classificações, não existe uma unidade no vocabulário também.

Em tipografia ainda há falta de uniformidade no emprego das palavras e de seus conceitos, havendo até mesmo a ocorrência de multiplicidade ou de discrepância na relação de termos com os seus significados. (NIEMEYER, 2003, p.15)

As definições apresentadas foram baseadas nos livros “Elementos do Estilo Tipográfico” de Bringhurst, “Pensar com Tipos” de Ellen Lupton, “Tipografia: Uma apresentação” de Lucy Niemeyer e “Projeto tipográfico” de Claudio Rocha. Então algumas das partes principais do tipo são (Figura 42):

Hastes	linhas verticais da fonte;
Barras,	linhas horizontais da fonte;
Bojos,	que são o traço circular da fonte, curvas;
Ascendentes	a parte a cima do corpo principal da letra;
Descendentes	as partes abaixo do corpo principal da fonte;

Vértices	a junção de dois traços da fonte;
Serifas	ficam nas terminais das hastes de uma fonte;
Espora	uma pequena projeção na haste de algumas letras.
Ocos	espaço interno da letra
Ombro	traço curvo das letras em caixa-baixa;
Terminais	formas em semicírculo de algumas letras
Ligaturas	ligações entre duas letras formando um só caractere

Figura 42: Partes dos tipos



Fonte: Elaborado pela autora

Além disso, as linhas onde a tipografia é disposta também são essenciais de se compreender para iniciar qualquer construção tipográfica. A maioria dos livros trazem as mesmas 5 principais linhas, mudando apenas a nomenclatura. Com isso, foi escolhida a nomenclatura de Niemeyer, principalmente por ser um livro de língua materna em português, que não passou pelo processo de tradução. E essas linhas são (Figura 43):

Linha de Base	que é a linha onde as letras repousam
Linha de x	é a altura do corpo principal da letra, a altura de “a”
Linha das ascendente	onde fica a altura máxima das ascendentes;
Linha das Descendentes	a linha alcançadas pelas descendentes;
Linha das Maiúsculas	onde alcança o topo das maiúsculas.

Figura 43: Linhas importantes da Tipografia



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o que já foi evidenciado, para este projeto é importante entender a relação da tipografia com a caligrafia. Meseguer lista e define os aspectos relativos à caligrafia que ela considera ser aplicáveis ao design de tipos: ritmo, ductos, velocidade e ritmo do traço, qualidade das formas, tensão das curvas, proporções, altura e peso, coerência formal, relação entre contra formas e espaçamento.

Entre estes aspectos, foram utilizados para definir e dar identidade a fonte tipográfica deste projeto os seguintes:

- **Ritmo:** regularidade na qualidade dos traços que resulta no equilíbrio entre o preto e o branco da fonte.

Figura 44: Exemplo de Ritmo

minimum *minimum*

Fonte: Elaborado pela autora

- **Ductos:** o caminho que a mão faz, a sequência de movimentos que o instrumento faz ao escrever.

Figura 45: Exemplo de *Ductos*



Fonte: Elaborado pela autora

- **Velocidade ritmo do traço:** é relacionado a mudança de espessura do traço relacionado a velocidade do instrumento ao escrever.

Figura 46: Exemplo de **velocidade ritmo do traço**



Fonte: Elaborado pela autora

- **Tensão das curvas:** é a relação entre as curvas e seu dinamismo. As curvas devem ser fluidas, tal como quando feita no papel.

Figura 47: Exemplo da **tensão das curvas**



Fonte: Elaborado pela autora

- **Coerência formal:** relação harmoniosa entre todos os caracteres através da repetição de elementos em partes comum e pelo tipo de contraste.

Figura 48: Exemplo de **coerência formal**



Fonte: Elaborado pela autora

3.2.3 Esboço e ideias iniciais

Quando a metodologia foi pensada inicialmente para esse projeto, não havia levado em consideração de que a fonte seria manuscrita. E durante o desenvolvimento, observou-se que o processo de derivação normalmente utilizado não funcionaria com esse estilo de fonte. Além disso, a derivação pode acabar não mostrando outras relações simultâneas que as fontes podem ter. Com isso, buscou-se adaptar os conhecimentos adquiridos anteriormente, junto com novas pesquisas.

Utilizei os meus conhecimentos e habilidades da caligrafia para botar isso em prática. Com isso primeiro analisei a minha própria forma de escrever com base na lista de aspectos relativos à caligrafia Meseguer (2014) que foram explicados acima e também utilizados no decorrer da criação da fonte.

Pra isso, primeiramente escrevi o alfabeto completo em uma caligrafia genérica, com letras maiúsculas e minúsculas, prestando atenção no ducto da fonte, que como foi falado, antes é a sequência de movimentos que a caneta faz para criar as letras. É importante salientar que a caligrafia que aprendemos no colégio nos incentiva a não tirar a caneta do papel. E a caligrafia utilizada como arte é feita com traços separados, por isso eu utilizei uma caligrafia artística genérica.

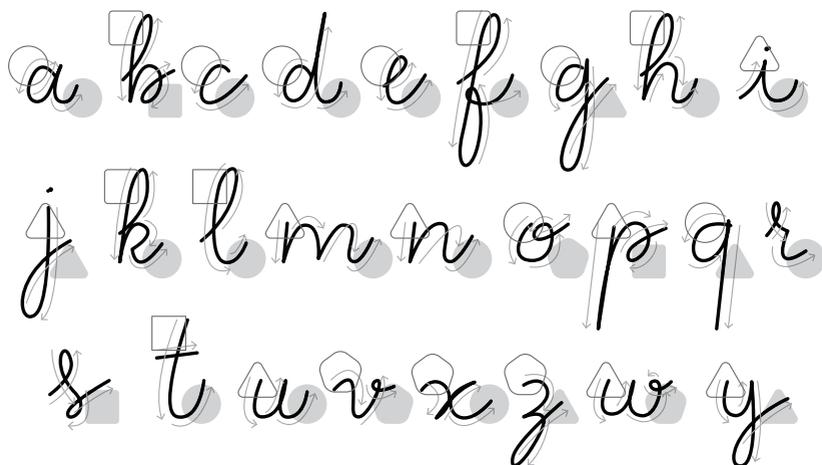
Como a maior dificuldade encontrada na utilização de fontes digitais cursivas é a ligação entre uma letra e outra, a seguinte análise (figura 49) focou a atenção na entrada da letra (o primeiro momento em que a caneta encosta no papel de cada letra) e a saída (último momento em que a caneta encosta no papel) onde ela irá encaixar com a outra letra. Então, foi feita uma separação entre as letras que tinham o movimento de entrada igual e as que possuíam movimento de saída igual.

Tabela 1: Estudo do ductos

Entradas semelhantes	Saídas semelhantes
a, c, d, e, g, o, q	a, c, d, e, f, h, i, k, l, m, n, r, t, u, x,
b, f, h, k, l, t	b, p, s
i, j, m, n, p, u, y, w,	g, j, q, z, y
v, x, z,	o, v, w
r, s	

Fonte: Elaborada pela autora

Figura 49: Estudo do ductos de uma caligrafia genérica



Fonte: Elaborada pela autora

Com esse estudo do ductos pronto, a etapa seguinte foi a elaboração dos esboços iniciais. Como se trata de uma fonte manuscrita, ela não só foi definida manualmente, mas também refinada algumas vezes a mão.

Desde o início dessa etapa, os esboços iniciais já buscavam definir uma identidade para a tipografia. Os feminismos são marcados por uma história de resistência, como explicado no desenvolvimento do trabalho. Com isso buscou-se dar uma espessura mais grossa a fonte. Levando isso em consideração, a escolha das ferramentas também se mostrou importante, pois estas interferem na espessura que como falado antes, também é definida pela velocidade da mão. Para alcançar a espessura foram escolhidos os pincéis e canetas especificados abaixo.

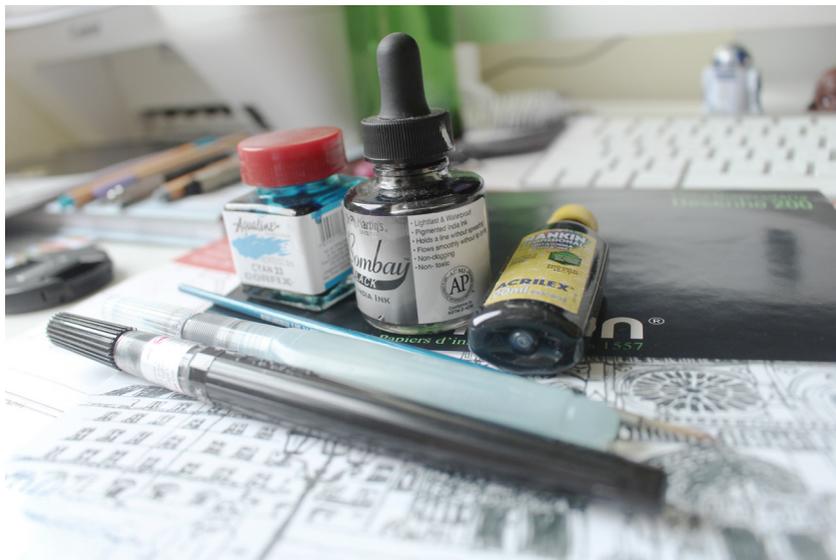
Os materiais utilizados foram:

- **Canetas e pincéis:** pincel Cotman Round 2, caneta Pentel Black #101, Pentel Aquash Brush Media para primeiros esboços e refinamento. Essas canetas imitam o traço do pincel, mas ao mesmo tempo tem a facilidade de uma caneta normal: o armazenamento de tinta.
- **Papéis:** A4 75g/m2 sulfite branco, A4 Conson Bristol 180g/m2 branco, Canson C à grain 224 g/m2 branco utilizados para os primeiros esboços e definição de caracteres. Cada um foi utilizado de-

pendendo da necessidade da tinta ou caneta, pois algumas tintas necessitam papéis de gramaturas maior para não escorrer, ou criar resultados indesejados. Canson Tracing e papel manteiga foram utilizados por possuírem transparência para o refinamento da fonte.

- **Tintas:** Acrilex Nankin tipo China Ink, Bombay nankin tipo india ink, e Aqualine Aquarela líquida Cyan 23.

Figura 50: Materiais utilizados



Fonte: Arquivo da autora

Segundo Lupton, embora quando crianças aprendemos a escrever com papéis pautados para caligrafia, onde as letras eram divididas na metade, normalmente os tipos não são projetados dessa forma. Normalmente a altura da “linha de x” é um pouco maior que a metade da “linha das maiúsculas”, e quanto maior em relação a essa metade, maior as letras irão parecer (2013, p.33). Porém, para este projeto foram usadas medidas mais próximas a de um projeto caligráfico manuscrito genérico. Sendo a distância da “linha das maiúsculas” e da “linha da base” maior que $2x$, e a distância da “linha das descendentes” para a “linha da base” um pouco maior que x . Sendo o tamanho de “x” da “linha de x” igual ao tamanho do “a” desse novo alfabeto. Já nos primeiros esboços as linhas foram adaptadas como mostrado na figura 51.

Figura 51: Linhas guias do projeto



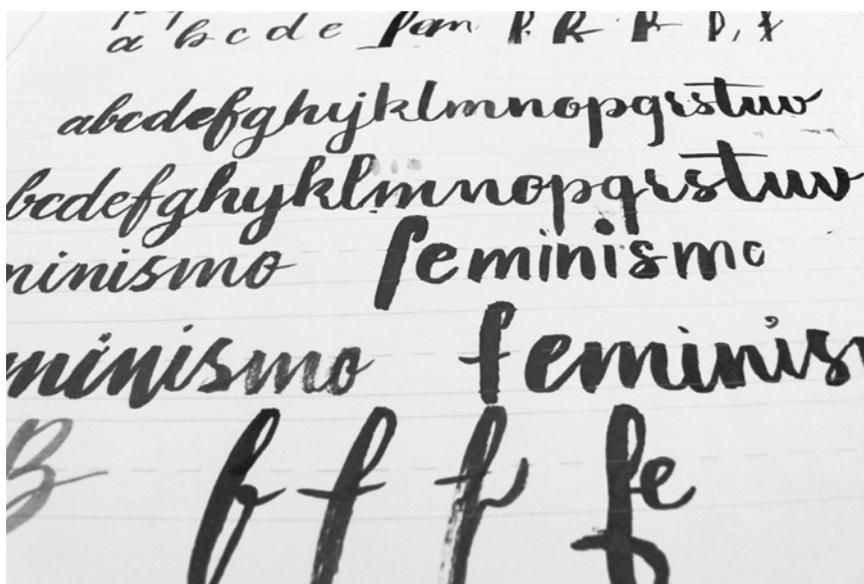
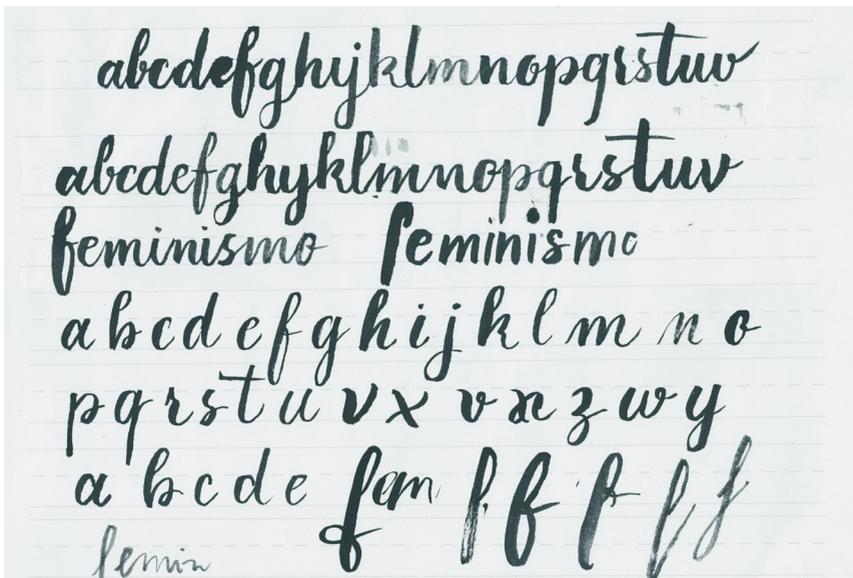
Fonte: Elaborado pela autora

Os primeiros esboços foram feitos levando em consideração os conceitos levantados anteriormente, com base na pesquisa apresentada na etapa de desenvolvimento. Principalmente quando se trata de um desenho caligráfico, este desenho acaba não sendo definido apenas por escolha, mas também carrega parte do estilo da(o) autor(a). Mesmo assim, algumas coisas são definidas por escolha. A ferramenta utilizada define a espessura máxima que a caligrafia vai ter, mas é a velocidade da mão usando a ferramenta que define a mudança de espessura do traço. E nesses primeiros esboços essa mudança de espessura já se mostra bem visível.

Para a criação desta nova tipografia, os caminhos percorridos foram baseados nos estudos de ductos que foram feitos preliminarmente. Mas, algumas adaptações a esse estudo foram feitas na execução do desenho caligráfico.

A ideia de que a fonte não ficasse muito inclinada, teve a intenção de fazer referência as mulheres feministas de não se curvarem a tudo, para reforçar o conceito da resistência. Complementando, o “ereto” sempre foi um signo masculino, e a presente fonte se apropria desta representação para não ficar relacionada apenas ao que hoje conhecemos como feminino.

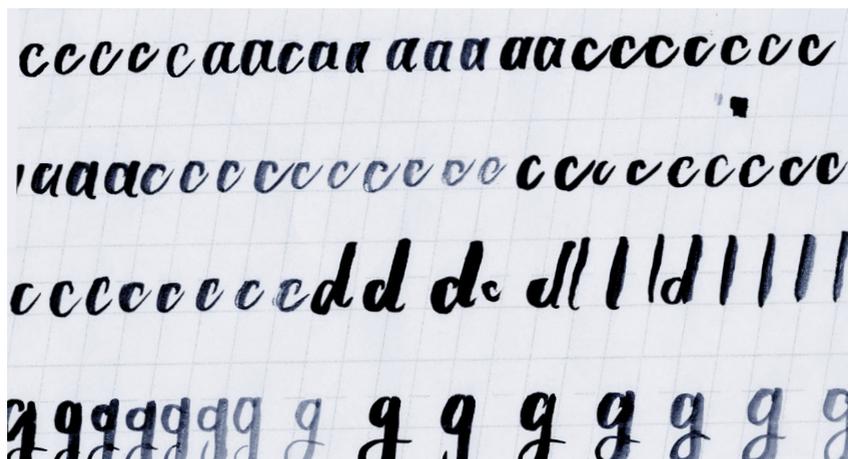
Figura 52 e 53: Imagem dos primeiros esboços



3.2.4 Refinamento manual

Já com a identidade preliminarmente definida a partir dos primeiros esboços, foram feitas várias repetições desses esboços selecionados de cada letra do alfabeto separadamente. A partir daí, foi feita uma seleção de cada letra buscando as que tinham coerência formal, que como falado antes, é um dos aspectos da caligrafia que, segundo Meseguer, interfere na tipografia.

Figura 54 e 55: Repetições de caracteres



Fonte: Arquivo da autora

As letras escolhidas foram escaneadas, reunidas em um só documento e reimpressas para um maior refinamento manual do alfabeto escolhido. Com ajuda de papel manteiga e *Canson Tracing* foi feito o novo refinamento.

Figura 56: Refinamento em *Canson Tracing*



Fonte: Arquivo da autora

3.2.5 Vetorização e refinamento final

Como falado antes, as fontes digitais são essencialmente vetoriais. Com isso, poderiam ser feitas inicialmente em qualquer programa baseado em ilustração de vetor. Nesse caso, a vetorização foi feita inicialmente no programa *Adobe Illustrator CC* (licenciado) pois era o *software* de vetorização que eu possuía mais conhecimento. “O recurso mais comum para se desenhar curvas com programas de computador são as curvas de Bézier¹⁸, usadas em aplicativos como *Illustrator* ou *Photoshop* e outros especializados para o desenho e edição de tipos” (MESEGUER, 2012, p.65)

Com a ajuda do estudo do ductos, as letras que possuíam semelhança, seja em relação a entrada ou da saída, foram desenvolvidas utilizando as mesmas formas. Por exemplo, na separação dos ductos, as letras a, c, d, e, g, o, q

¹⁸ Curvas baseadas em técnicas algébricas desenvolvidas por Pierre Bézier e Paul de Casteljaun nos anos 1960 e 1970 na França (BRINGHURST, 2011, p.204)

tem o mesmo movimento de entrada, então na vetorização, essas letras foram feitas a partir do esqueleto de um bojo em comum. (Figura 57)

Figura 57: Exemplo de semelhanças na entrada dos caracteres



Fonte: Elaborada pela autora

A mesma ideia foi aplicada a saída. Por exemplo, as letras: a, c, d, e, f, h, i, k, l, m, n, r, t, u, x, utilizaram um mesmo vetor de remate. (Figura 58)

Figura 58: Exemplo de semelhança na saída dos caracteres



Fonte: Elaborada pela autora

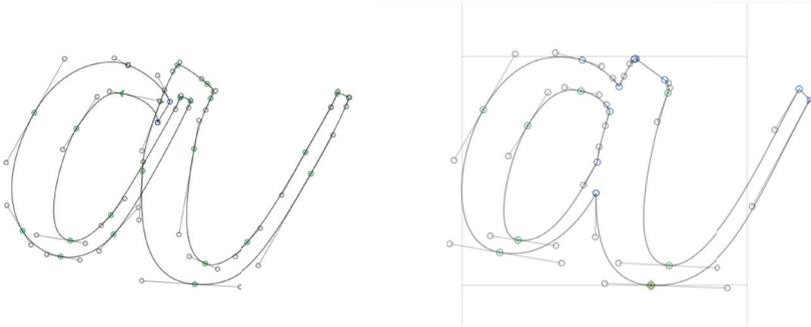
O *software* específico de tipografia escolhido para este projeto foi o *Glyphs Mini*. O *softwares* de criação de fonte mais popular é o *Fontlab*, porém o preço atual dele é de US\$ 649,00. Hoje existem outros mais em conta, como é o caso *Glyphs* que ainda possui duas versões. A versão completa custa em torno de U\$299,90 e a versão mini pode ser encontrada pelo valor de U\$44,00. Considerando que este é um projeto acadêmico financiado com recursos pessoais, optei pela aquisição do *software Glyph Mini*. Esta escolha aconteceu não apenas pelo preço ser inferior, mas também pelo fato de ser programa mais leve tanto no processamento quanto no tamanho do arquivo, e também por ser intuitivo e ter um layout convidativo. E apesar dele possuir algumas limitações em relação a versão completa, o *Glyphs Mini* atendeu a todas as necessidades para o presente projeto.

Dentro deste *software* específico de tipografia, foram feitos os últimos ajustes em relação ao vetor de cada letra. Como falado antes, é importante levar em consideração a tensão das curvas, elas devem ser fluidas, assim como são as feitas manualmente no papel. O número de pontos, como mostrado na figura 59, influencia no tamanho do arquivo final da fonte, e também na velocidade de processamento do tipo. Os pontos bem posicionados beneficiam o hinting, que é o “provimento de informações adicionais codificadas na fonte, para ajudar na prevenção de alguns problemas não tão incomuns.” (NIEMEYER, 2010, p.70).

É recomendável que se posicione nós nos pontos de extremidade das curvas, os “extremos”. Deve-se usar o menor número possível de pontos, mas incluir todos os que forem necessários para que não se perca a essência do desenho. (MESEGUER, 2012, p.65)

Por isso é importante que haja um refinamento nos pontos, e isso também ajuda ao designer de tipos criar um olhar mais crítico em relação ao arranjo de pontos e vetorização.

Figura 59: Vetorização - *Illustrator vs Glyphs*



Fonte: Arquivo da autora

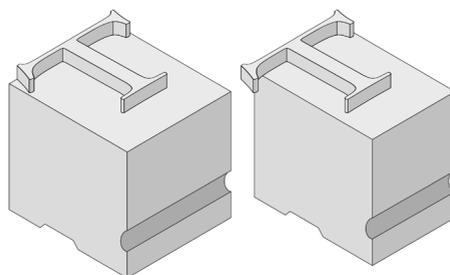
Figura 60: Vetorização e refinamento



Fonte: Arquivo da autora

O espaçamento das fontes foram definidos a partir das ligações referentes a cada letra. Espaçamento é o espaço global entre as letras (LUP-
TON, p.100, 2013), ele é a representação da distância material que os tipos de metal
tinham entre si (NIEMEYER, p.72, 2010). Apesar deste projeto focar na
transformação da caligrafia para uma tipografia, é importante salientar que a
origem da tipografia digital, sucedeu-se, e principalmente dos tipos de metais.
Os tipos móveis (figura 61) foram inventados na Alemanha, no começo do
século XV e revolucionaram a escrita pois com eles, as impressões poderiam
ser feitas em grande escala. Os chineses já haviam utilizado os tipos móveis
antes, mas o fato do alfabeto latino ser bem mais simples que o sistema de
escrita chinês, fez com que na Alemanha eles tivessem mais sucesso do que
na China. Nos tipos de metais, a altura e o espaçamento eram fixos em cada
caractere, e eles eram colocados um ao lado do outro para formar os textos
na prensa móvel.

Figura 61 e 62: Tipos móveis e *kerning* de tipos móveis



Fonte: Wikimedia Commons

Apesar de entender a importância do ajuste de kerning para qualquer
projeto tipográfico, o kerning, que é um ajuste feito entre duas letras (LUP-
TON, p.98, 2013) (Figura 62) não pode ser aplicado neste projeto. Pois a
tipografia produzida com este trabalho, por ser manuscrita, possui ligação
específica entre cada letra. E se o espaçamento for feito de forma diferente, a
ligação entre as letras podem ficar comprometidas. Mesmo assim foi pensando
para esta tipografia uma área de “respiro” onde ainda sim, poderia se aumentar
o espaçamento mais do que o normal recomendado.

Como mencionado antes, um dos aspectos da caligrafia inerente a tipografia, é o ritmo. E é através da configuração do espaçamento que ele é passado. Então as ligações, foram determinantes em relação ao ritmo da tipografia criada neste projeto.

Figura 63: Exemplo da ligação entre as fontes



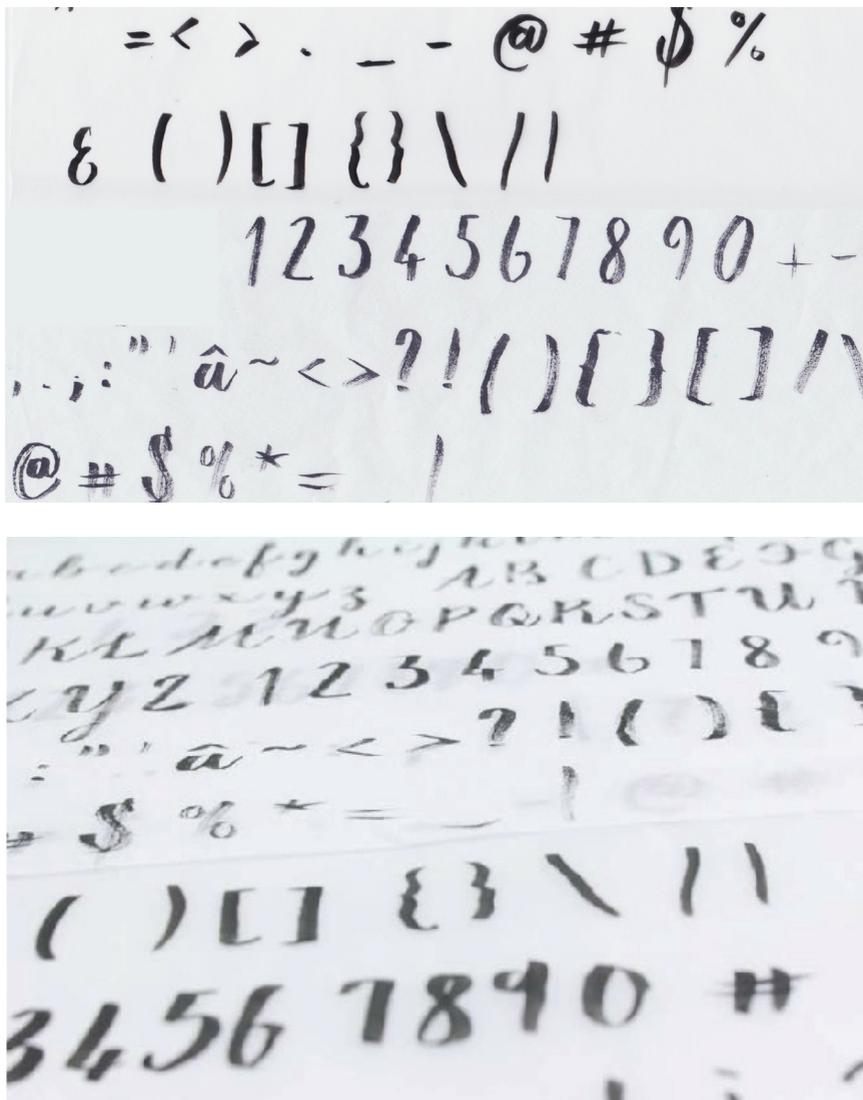
Fonte: Arquivo da autora

3.2.6 Numerais e Pontuação

Os numerais e pontuações foram desenvolvidos a partir dos esboços feitos a mão. Durante a vetorização dos números foram incorporadas as características já presentes nas letras vetorizadas. O processo foi similar ao que foi aplicado nas letras. Foram utilizados os numerais alinhados ao invés do não alinhados. Os numerais não-alinhados, também chamados de old style, tem ascendentes e descendentes assim como letras minúsculas. (LUPTON, 2013, p.52)

A pontuação também foi baseada no desenho feito a mão. Quando um pincel encosta no papel com a mão estando inclinada, o ponto a ser desenhado dificilmente será totalmente redondo, e nas pontuações isso ficou bem evidente. Então mesmo refinando, os pontos, vírgulas, acentos e outros possuem essa característica que o desenho do pincel possui. As pontuações que são baseadas em linhas, como é o caso de hífen (-), símbolo de negativo (-), positivo (+) e outros tiveram a característica incorporada apenas nas extremidades da linha.

Figura 64 e 65: Esboços - Numerais e Pontuação



Fonte: Arquivo da autora

3.2.7 Mais uma para a família

Como mostrado antes, foram definidos alguns conceitos que deveriam fazer parte do projeto de concepção da fonte e um deles foi o de diversidade. Para evidenciar este conceito foi produzida uma outra fonte tipográfica, que pertence a mesma família tipográfica da fonte mostrada anteriormente, porém com o estilo/peso brush.

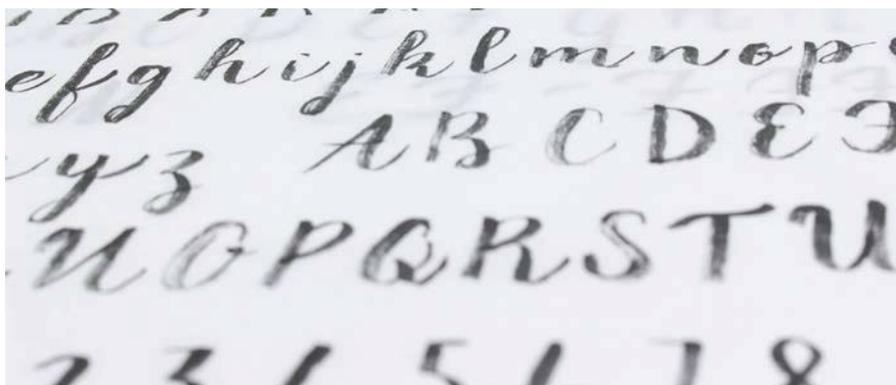
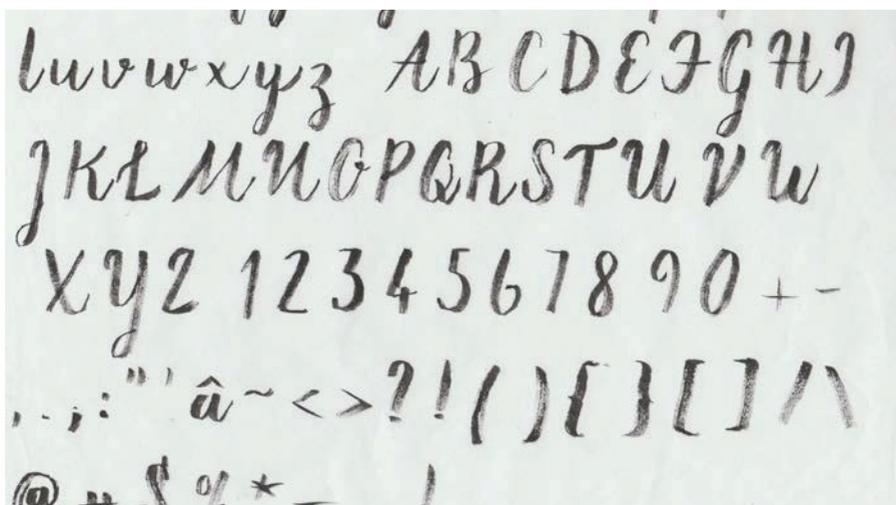
Uma família tipográfica é um conjunto de caracteres que guardam as mesmas características essenciais de seu desenho. Independentes do peso, da inclinação e do corpo. A família é identificada por um nome, atribuído por seu autor, casa tipográfica ou distribuidora de fontes. Cada família se subdivide em categorias segundo os pesos de traços combinados com a largura relativa de seus caracteres e as suas variações de inclinação. (NIEMEYER, 2003, p.36)

Além dos estilos normalmente utilizados, ainda existem muitos outros que aparecem não apenas nas diferentes bibliografias da área mas também diretamente no arquivo de fonte no computador. No caso deste projeto foi escolhido o estilo brush, que apesar de ser um termo em inglês para pincel, já é utilizado em outras fontes que possuem as mesmas características e é o que mais se encaixa na verdadeira ideia desse segundo estilo.

Muitos estilos são criados a partir das variações da espessura dos traços das letras: thin, light, semibold, bold, extrabold. Outros estilos são criados a partir das variações da largura das letras: condensed e extended. Outros a partir da inclinação dos caracteres: italic, normal, etc. Alguns são criados a partir de variações combinadas da largura, da espessura dos traços e da inclinação dos caracteres: light condensed, bold extended, bold italic, etc. Alguns, porém, são oferecidos apenas nas versões roman, italic e bold. Existe ainda tipos somente contornados chamados outline, os que possuem sombras chamados de shaded e os tipos invertidos chamados de reversed. (FOUNTORA, 2004, p.34)

Além do conceito de diversidade ser evidenciado pelo fato de ter estilos diferentes da mesma fonte, esse conceito se apresenta também na concepção da mesma, na singularidade de cada letra. Pois nesse estilo brush, a fonte foi produzida diretamente da vetorização dos esboços feitos durante o projeto. Apesar de ter sido feito um refinamento também nesse segundo estilo, apenas para se adequar as formas da primeira fonte, foi prioridade manter as ranhuras específicas do pincel feitas diretamente no papel. Outra informação também evidenciada através das falhas do pincel, é a ideia de que os feminismos não são perfeitos, e nem tem a pretensão de ser.

Figura 66 e 67 : Variação de estilo



Fonte: Arquivo da autora

3.2.8 Resultado

Como o projeto tinha por objetivo entregar aos movimentos uma tipografia que atendessem às necessidades da língua portuguesa, ficou definido que tanto a tipografia regular, quanto a brush, possuiriam um alfabeto completo, numerais e acentos.

No primeiro dia do ano de 2016, apesar dele ter sido implementado sem obrigatoriedade desde 2009, entrou em vigor no Brasil o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Este acordo teve como objetivo padronizar as regras ortográficas entre os países que faziam o uso da língua. A Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) tinha como objetivo facilitar o intercâmbio cultural e científico entre os países e ampliar a divulgação do idioma e da literatura. Entre as principais mudanças desse acordo foram a oficialização da ampliação do alfabeto para 26 letras, o fim do uso do trema, entre outras. Apesar das letras “k”, “w” e “y” terem entrado oficialmente apenas agora em 2016, a língua portuguesa sempre fez o uso em palavras indígenas, abreviação de medidas elas estavam fora do vocabulário oficial. (Agência Brasil, 2016)

Como as fontes foram feitas de maneira manuscrita é importante mostrar como elas se comportam separadamente (sem a ligação uma com a outra) e unidas (com as ligações). Para melhor visualização do resultado, consultar o apêndice 2.

3.2.3.1 Fonte no estilo Regular

- Minúsculas Espaçadas

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v x z w y

- Minúsculas ligadas

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

- Maiúsculas

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V X Z W Y

- Maiúsculas e Minúsculas em conjunto

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm
Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Zz Ww Uy

- Numerais e Pontuação

1234567890\$#% - + = @ & , ; : ! ? [] { } () < > " ' ~ ` * |

3.2.3.2 Fonte no estilo Brush

- Minúsculas Espaçadas

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

- Minúsculas ligadas

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

- Maiúsculas

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

- Maiúsculas e Minúsculas em conjunto

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm
Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Zz Ww Uy

- Numerais e Pontuação

1234567890\$#% - + = @ & , ; : ! ? [] { } () < > " ' ~ ` * |

- Aplicação em texto apenas com o objetivo de visualizar o maior número de ligações. pois não é recomendável o uso desta fonte para leitura em textos.

Texto por Aline Alberti

*Eu detesto ser feminista
 ser feminista já me fez chorar
 ser feminista já me fez desacreditar
 ser feminista já me fez desejar nunca ter nascido:
 ser feminista foi perceber que o mundo é desumano
 que a sociedade é doente
 que ser mulher me traz riscos
 que eu preciso lutar
 que mesmo lutando eu vou carregar pra sempre
 essa bagagem de dor*

*Feminista não passa o dia rindo e odiando homem
 feminista tem pai, avô, tio, namorado, filho, irmão
 feminista passa o dia vendo notícia de estupro
 e engolindo uma sociedade que acha que a culpa foi da mulher;
 lendo o relato anônimo da menina ai do seu lado,
 que você nem imagina, mas apanha do namorado;
 ouvindo a história da vagabunda imunda lá da faculdade
 que usava roupa curta e tava bêbada e mereceu;
 mas afinal quem decidiu isso, meu deus?
 a próxima pode ser eu*

*Tornar-se feminista é fazer cair a cortina do conforto
 sentir o sangue borbulhar de raiva
 e as lágrimas queimando com a realidade
 que os olhos não puderam enxergar até agora;
 agora consigo ver que a loja que vai me dar uma rosa hoje
 na verdade vai fazer porque não se importa
 nem hoje e nem nos outros 364;
 que as letras das bandas que eu adorei com fervor
 me tratavam como um ser inferior;*

a balada que me deixa entrar de graça e ainda me dá um drink
 não quer que eu me divirta
 mas espera que a minha fragilidade atraia muitos machos
 e que eu seja a diversão deles;
 e, logo eu, que adoro estar na rua de noite
 não posso fazê-lo sozinha
 porque quando vejo um homem que pode me machucar
 não tenho medo de ser assaltada
 mas rezo baixinho pra qualquer deus de qualquer religião que exista:
 por favor, que seja só um assalto

Eu detesto ter que ser feminista
 mas eu preciso ser
 porque eu nasci mulher
 e vivo a mercê
 se um dia eu tiver uma filha e ela tiver uma filha
 eu imploro que não sejam feministas
 que o chão desigual que eu piso hoje
 enquanto vou pra casa atenta e com as chaves entre os dedos
 seja seguro pra elas e pras outras filhas de filhas
 Já eu, que azar, não vou ver isso em vida
 me restou gritar ainda que não seja ouvida
 que eu detesto ter que ser feminista

Mas não sorria vencida, sociedade
 que no sangue de outras mulheres busco coragem
 pra fazer com que minha neta nunca conheça
 o mundo que eu conheci.

- Aplicação em pangramas¹⁹ - Regular
 "The quick brown fox jumps over the lazy dog"
 "Gafanhotos azuis celebram a pequena terra das jovens bruxas"
- Aplicação em pangramas - Brush
 "The quick brown fox jumps over the lazy dog"
 "Gafanhotos azuis celebram a pequena terra das jovens bruxas"

¹⁹ Pangrama é uma figura de linguagem onde a frase deve conter todas as letras do alfabeto (FRATIN, Giuliano, 2011)

3.3 Distribuição

3.3.1 Fechamento de arquivo

Como falado na etapa de metodologia deste trabalho, a liberação deste projeto foi uma das etapas mais importantes, pois é onde ele entraria em contato com o público alvo.

As fontes digitais disponíveis hoje no mercado podem ser de 3 diferentes tipos de formatos: *Type1*, *TrueType* e *OpenType*. A existência e suas diferenças se devem aos avanços tecnológicos e também acordos comerciais desenvolvidos ao longo do tempo. (LUPTON, 2013, p.76) Atualmente o mais utilizado é o *OpenType*. O *OpenType* foi desenvolvido pela *Adobe* e *Microsoft*. Ele funciona nos sistemas operacionais tanto no Mac OS X, quanto no Windows além de apresentar funcionalidades presentes no *Type 1* e no *TrueType* e ainda possui mais recursos como caracteres alternativos, frações, etc. Então foi escolhido o *OpenType* não apenas por isso, mas também por ser o único formato gerado pelo *Glyphs Mini*.

As fontes vetoriais definem o contorno de seus caracteres pela combinação de linhas e arcos (“glifos”), registrados sob uma fórmula matemática. Como consequência, a partir dessa equação pode ser gerada uma gama de tamanhos de corpos e caracteres. (NIEMEYER, 2010, p

Para fechar o arquivo de fonte para a distribuição a tipografia precisaria de um nome. A única diretriz pensada para a escolha do nome, até então, era desta tipografia possuir um nome feminino, pois é uma fonte relacionada à luta de gênero das mulheres. Os primeiros nomes que foram pensados, relacionavam-se a mulheres que significam muito para mim, não apenas pela ligação de parentescos, mas por suas histórias. Os primeiros nomes pensados foram: Antônia (segundo nome da minha avó), Anna ou Karina (primeiro e segundo nomes da minha mãe), Ana ou Carolina (primeiro e segundo nomes da minha tia) ou Marina (nome da minha prima e afilhada). Para não escolher entre elas e também o fato de duas fontes formarem uma família não usual, pensei com isso em utilizar o que nos unia: o sobrenome. Gostaria de dizer ainda, que eu possuo apenas dois sobrenomes: Scaramella e Silva, pois fui criada por uma mãe solteira. O da Silva veio a mim pelo meu avô, e como ele já havia falecido quando eu nasci e portanto não tive contato algum com ele, e quase nenhum com a família dele, então Scaramella além de ser o sobrenome das mulheres da minha família é o sobrenome da família pela qual eu fui realmente criada.

Uma tradição conservadora em relação a sobrenomes aqui no Brasil e em outras partes do mundo, é a mulher adotar o sobrenome do marido ao se casar. Em um estudo feito pelo Center for Survey Research na Universidade de Indiana apontou que 70% da população dos Estados Unidos acha que as mulheres devem adotar o sobrenome de seus maridos, e que 50% defendem que isso deveria ser um requerimento legal. Desde 2002, aqui no Brasil, já é possível se casar sem adotar o sobrenome do marido e se preferir compartilhar o sobrenome da mulher ao marido. Existe um questionamento sobre o fato de mulheres não possuírem sobrenomes próprios, pois foram gerações e gerações de mulheres adotando o sobrenome do pai ou do marido. E quando a mulher possui o sobrenome antes de se casar, normalmente ele vem do seu pai, e é tido como “sobrenome de solteira”.

No caso da minha família, minha avó recebeu o Scaramella do pai dela, passou para a minha mãe e para os meus tios, e a minha mãe passou para mim. Ou seja, o Scaramella chegou para mim através de duas gerações de mulheres da minha família. Todas as irmãs da minha avó também possuem esse sobrenome, e muitas passaram para seus filhos.

Pesquisando sobre o significado da palavra Scaramella, que é de origem italiana, não encontrei nenhuma fonte confiável sobre isto. E também considerei irrelevante, pois acredito que a referência pessoal descrita acima faz sentido para o escopo deste projeto. E ainda, porque na língua portuguesa, normalmente substantivos terminados em “a” fazem referência ao gênero feminino.

Figura 68 : Foto de mulheres Scaramella. Da direita para esquerda: Tia-avó Alcione, avó Aldanir e Tia-avó Algair



Fonte: Arquivo da Autora

Figura 69 : Foto de mulheres Scaramella. De cima para baixo: Minha tia Ana Carolina, minha avó Aldanir, eu, minha mãe Anna Karina e minha afilhada Marina



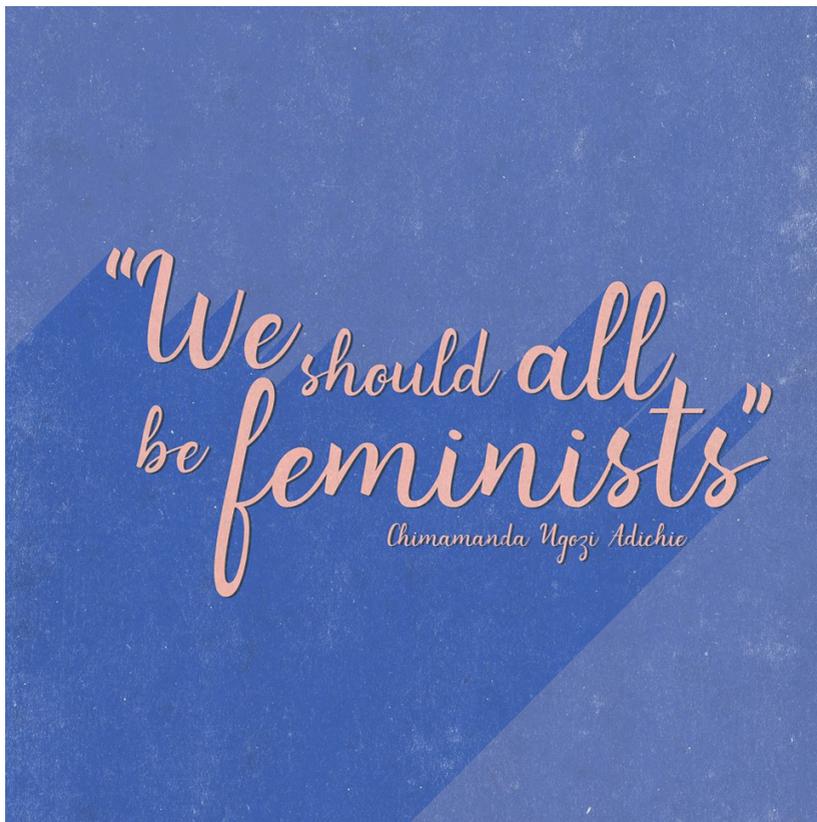
Fonte: Arquivo da Autora

3.3.2 Envio para Designers envolvidas com os feminismos

Depois que o arquivo foi fechado, ele foi colocado no Google Drive e distribuído entre algumas alunas do Design da UFSC. Alunas essas que são envolvidas com o movimento feminista. O objetivo era delas experimentarem as fontes, encontrarem erros, e ver como ela funciona com diferentes gostos e usos. Junto com o arquivo foi feito um texto explicando o projeto e um exemplo de aplicação da fonte. (Figura 70).

A ideia era que elas se sentissem a vontade para criar peças gráficas voltadas para os feminismos, letterings, entre outras peças gráficas. E também para que utilizassem a fonte em busca de algum erro na programação, ou mesmo erros técnicos da fonte.

Figura 70 : Exemplo de aplicação da fonte



Fonte: Elaborado pela autora

Até a data de entrega deste projeto não houve manifestações em relação a qualidade técnica da tipografia. Mas duas alunas utilizaram a fonte além do que foi sugerido.

Uma delas é ex-aluna do Design da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Gabriela Meira. Ela entrou em contato para saber sobre o uso da fonte, e pediu se ela poderia utilizar a fonte em uma campanha voltada para o movimento LGBT. Esta campanha foi chamada #ArmariosSãoParaRoupas (figura 71) e foi promovida pela OnG que ela faz parte "SOS Rio sem Homofobia". É importante salientar que apesar do objetivo geral do projeto foi produzir uma fonte voltada para o movimento feminista, nada impede que o

movimento LGBT possuindo muitas pautas em comum com o movimento feminista, faça o uso dessa tipografia.

Figura 71: Aplicação da fonte em uma campanha LGBT



Fonte: Página do *Facebook* SOS Rio Sem Homofobia²⁰

A peça gráfica faz uma menção a expressão “sair do armário”, utilizada quando uma pessoa assume sua identidade de gênero ou orientação sexual. Essa campanha tinha a ideia de questionar as barreiras que as pessoas LGBT normalmente encontram para assumir o que na verdade é apenas o que elas são.

Uma das peças gráficas onde a tipografia foi utilizada, foi compartilhada 976 vezes e possuía 2.1mil likes até a data de 31/05/2016. Um dos compartilhamentos foi feito pelo deputado federal Jean Wyls, que é conhecido pelo seu comprometimento com as causas LGBT dentro do cenário político. Em 2015, Jean foi considerado uma das 50 personalidades que mais lutam pela diversidade no mundo na The Global Diversity List, segundo The Economist. Sua página no *Facebook* possui 1,228,581 seguidores, e o seu compartilhamento da peça alcançou 7.7mil curtidas até a data de 31/05/2016. (figura 72)

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/sosriolgbt/> Acesso em 05/06/2016

Figura 72: Compartilhamento da campanha pelo Deputado Jean Wyllys

 **Jean Wyllys** shared SOS Rio Sem Homofobia's photo.
May 14 at 7:00pm · 🌐

Já no início da minha adolescência, aos 14 anos, eu tinha consciência de quais eram as pessoas para quem eu dirigia o meu amor e quem eu imaginava como parceiro de um relacionamento, mas eu só contei para minha família aos 16 anos. E o que me encorajou foi o fato de, na escola eclesial de base da Igreja Católica, eu ter conhecido duas pessoas que se tornaram referência para mim. Eles me deram o exemplo de que era possível ser gay e feliz. Primeiro eu contei para o meu irmão m...
[See More](#)



SOS Rio Sem Homofobia
May 12 at 8:45pm · 🌐

UM LUGAR FEITO PARA GUARDAR OBJETOS NÃO DEVERIA GUARDAR VIDAS

O que é essa ideia de armário se não um espaço fechado, criado pela sociedade conservadora, para e...

[See More](#)

👍 Like 💬 Comment ➦ Share

👍 🤔 😊 7.7K [Top Comments](#) ▾

Fonte: Página do *Facebook* SOS Rio Sem Homofobia²¹

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/jean.wyllys/> Acesso em 05/06/2016

Outra aluna que utilizou a fonte a mais do que foi sugerido, foi a Aline Alberti, aluna de Design da UFSC. A fonte tipográfica foi utilizada no perfil da imagem da página do *Facebook*, que faz parte do seu projeto de conclusão de curso, com os dizeres “Filha da Bruxa”. O projeto é sobre uma ação de comunicação a respeito de ideias e pautas discutidas no movimento feminista atual.

Figura 73: Aplicação da fonte no Projeto de Conclusão de Curso da aluna Aline Alberti



Fonte: ALBERTI, Aline, 2016

3.3.3 Type Specimen

O Type Specimen é uma apresentação formal da fonte. Nele é transmitida a ideia da fonte, bem como mostrar os caracteres existentes nela. O fato de ser uma fonte para uso digital, justifica consequentemente, a necessidade do Type Specimen também ser apenas digital.

Para a produção desse specimen foi feita uma pesquisa relacionada a fontes similares, e como elas se apresentavam. Além disso foram listados alguns parâmetros para a construção dele, sendo eles:

- Passar a ideia de feito a mão;
- Conter símbolos relacionados a pesquisa realizada para o trabalho;
- Valorizar a fonte como elemento de destaque.

É importante deixar claro, que a fonte produzida neste projeto não é uma fonte feminista, pois objetos inanimados não possuem posição política. E como conclusão disso a ideia do Type Specimen não é ser um cartaz feminista, e sim uma forma de mostrar a fonte que foi feita para esse uso. A versão ampliada pode ser encontrada no Apêndice 4.

Anexados o Type Specimen e as fontes serão disponibilizadas em uma pasta no *Google Drive* e distribuídas em grupos feministas.

Figura 74: Type Specimen



Fonte: Elaborado pela autora

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de se tratar de um projeto tipográfico, uma das coisas que mais se mostrou importante para esta produção foi algo que é inerente dentro de qualquer área do design: o planejamento anterior, ou seja, uso de uma metodologia. Planejar os passos a serem feitos até antes da execução foi essencial. E na hora de mexer digitalmente na fonte, foi um processo muito menos demorado e pode-se focar mais na parte de refinamento da tipografia, inclusive por ter sido feita manualmente.

Outra grande contribuição pessoal desse projeto foi a elaboração de um olhar crítico em questão de refinamento para qualquer construção de peças gráficas, e isso é muito importante para qualquer área do Design e não apenas ao designer de tipos.

Uma das maiores dificuldades durante a etapa de investigação do assunto é a de que diariamente somos bombardeados com notícias sobre estupro, feminicídio, entre outras notícias que tem relação com a discussão de gênero e feminismos. Com isso foi difícil documentar muitos acontecimentos que consequentemente tiveram que ser ignorados na construção do projeto, porém eles só reforçam como a luta de direitos das mulheres é importante diariamente.

O Design, assim como outras áreas criativas por muitas vezes deixa de lado o fator humano, social, mesmo este sendo indispensável para qualquer tipo projeto. Foi importante pontuar a ideia de que o Design pode e deve se preocupar com causas sociais e deve ser agente na mudança para um mundo melhor. E que mesmo quando movimentos sociais ou qualquer tipo de organização voluntária, não possuem um designer em específico trabalhando, é possível contribuir propiciando ferramentas além serviços e manutenção.

Assim como este projeto contribuiu para minha formação pessoal e profissional, espero que ele sirva de inspiração para que outras profissionais possam aliar suas capacidades profissionais para contribuir com questões sociais.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Diogo; PATI, Camila. **Presidente ou presidenta, qual o certo?** Exame.com. 26 de julho de 2013. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/presidente-ou-presidenta-qual-o-certo>>. Acesso em: 05 de junho de 2016.

Blogueiras Feministas. 2015 Disponível em: <blogueirasfeministas.com> Acesso em: 7 de novembro de 2015.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico**. 3ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 428 p.

BROWN, Tim. **Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velha ideias**, Rio de Janeiro: Elsevier , 2010. 272 p.

CARDOSO, Rafael. **Design para um Mundo Complexo**. 1. Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 268 p.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p.

CFEMEA, **Lei Maria da Penha: do papel para a vida**. Disponível em <<http://www.cfemea.org.br/images/stories/pdf/leimariadapenhadopapel-paraavida.pdf>>. Acesso em: 28 de outubro de 2015.

CHILDERS, Taylor; GRISCTI, Jessica; LEBEN, Liberty. **25 Systems for Classifying Typography: A Study in Naming Frequency**. Parsons Journal For Information Mapping. New York, janeiro de 2013. Disponível em: <http://piim.newschool.edu/journal/issues/2013/01/pdfs/ParsonsJournal-ForInformationMapping_Childers_Griscti_Leben.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2016.

CORTÊZ, Natacha. **Ouçã, Lola, Ouçã**. Revista Trip. 05 jul. 2013. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/ouca-lola-ouca>>. Acesso em: 30 de maio de 2016.

CONTEE, **A Lei Maria da Penha já está em vigor**. Disponível em <http://www.contee.org.br/secretarias/etnia/materia_23.htm>. Acesso em: 28 de agosto de 2015.

COUSINS, Carrie. **3 Typography Trends for 2016**. 20 de junho de 2016. Disponível em: <<https://designshack.net/articles/typography/3-typography-trends-for-2016-with-examples/>> Acesso em 17 de maio de 2016

Dicionário Michaelis. Editora Melhoramentos Ltda., 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 de maio de 2016.

Display, 2015. Disponível em: <http://www.thisisdisplay.org/bookstore/international_typeface_corporation_itc_30_individual_type_specimens_lot> Acesso em: 15 de novembro de 2015.

Design e Gênero: **Entrevista com Marinês Ribeiro**. Revista Clichê. Disponível em <<http://www.revistacliche.com.br/exp/design-e-genero-marines-ribeiro>>. Acesso em: 25 junho 2015.

Facebook Fanpage: Empodere duas mulheres. 2016 Disponível em: <<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/>> Acesso em: 5 de junho de 2016.

Escreva Lola Escreva. 2016 Disponível em: <escrevalolaescreva.blogspot.com.br> Acesso em: 5 de junho de 2016.

Facebook Fanpage: Feminismo Sem Demagogia. 2016 Disponível em: <<https://www.facebook.com/Feminismo-Sem-Demagogia-Original-564161453675848/?fref=ts>> Acesso em: 5 de junho de 2016.

FRATIN, Giuliano. **Pangrama**. Recanto das Letras. 29 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3362387>>. Acesso em: 17 de maio de 2016.

FONTOURA, Antônio M. **Vade-mécum de tipografia**. Curitiba, Champagnat, 2004. 86 p.

FONTOURA, Antonio Martiniano e HAMMERSCHMIDT, Christopher. **Notas para uma metodologia do design de tipos**. In. 5º Congresso Internacional de Design da Informação, 2011, Florianópolis. Disponível em: http://www.academia.edu/4025069/Notas_para_uma_metodologia_do_design_de_tipos. Acesso em: 27 de janeiro de 2014.

GOMES, Carla, SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vaidas no Brasil**. Soc. estado. 2014, vol.29, n.2 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 de outubro de 2015.

MESEGUER, Laura. **Escrita, caligrafia, desenho de letras e design de tipos**. In: HENESTROSA, Cristobal; MESEGUER, Laura; SCAGLIONE, José. **Como criar tipos:: do esboço à tela**. Brasília: Estereográfica, 2014. Cap. 2. 152 p.

GONÇALVES, Eliane; FREITAS, Fátima Regina Almeida de; OLIVEIRA, Elismênnia Aparecida. **Das idades transitórias: as “jovens” no feminismo brasileiro contemporâneo, suas ações e seus dilemas**. Revista Feminismos, v. 1, n.3, 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/81/79>> Acesso em: Acesso em 15 de Setembro de 2015.

Facebook Page: Jean Wyllys. 2016. Disponível em <<https://www.facebook.com/jean.wyllys/>> Acesso em 30 de maio de 2016

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. 380 p.

LOURENÇO, Luana. **Novo acordo ortográfico é obrigatório a partir de hoje no Brasil**. Ebc Agência Brasil. 1 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/novo-acordo-ortografico-e-obrigatorio-partir-de-hoje>>. Acesso em: 17 maio 2016.

Lugar de Mulher. 2015 Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/>> Acesso em: 5 de junho de 2015.

LUPTON, Ellen. **Graphic Design Thinking: beyond brainstorming**, São Paulo: G. Gili, 2013. 184 p.

LUPTON, Elle. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes**. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify 2006

MACHADO, Renata Silva Santos, MERKLE, Luiz Ernesto. **As relações existentes entre o fazer design com base nas questões**. In: VII Congresso iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. 2010 disponível em: <http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E10_As_Relacoes%3%A7%3%B5es_Existentes_entre_o_Fazer_Design.pdf>. Acesso em 15 setembro 2015.

MARTZ, Verônica. **Banalização do Termo Sororidade**. Não Me Kahlo. 15 de janeiro de 2015. Disponível em: <<http://www.naomekahlo.com/#1-Banalizacao-do-Termo-Sororidade/c1a1n/86517300-514A-48C6-A7B3-AD5B641AAAD5>>. Acesso em: 15 maio 2016.

Facebook page: Mídia NINJA, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/>> Acesso em: 15 de novembro de 2015

MyFonts. **MyFonts Most Popular Fonts of 2015** Disponível em: <<https://www.myfonts.com/newsletters/sp/201601.html>> Acesso em: 17 de maio de 2016

Facebook Fanpage: Não me Kahlo. 2016 Disponível em: <<https://www.facebook.com/NaoKahlo/>> Acesso em: 5 de junho de 2016.

NOORDZIJ, Gerrit. **O traço: teoria da escrita**. São Paulo: Blücher, 2013. 87 p.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia: Uma apresentação**. 4ª ed. - reimpressão Teresópolis: 2AB, 2010

PINTO, Céli Regina J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PORTAL BRASIL. **9 fatos que você precisa saber sobre a lei Maria da Penha**. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/9-fatos-que-voce-precisa-saber-sobre-a-lei-maria-da-penha>> Acesso em: 27 de outubro 2015.

PORTAL TERRA. **ENEM: Importância e o que fazer com a nota**. Portal Terra. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/enem-importancia-e-o-que-fazer-com-a-nota,8a31afd616c3280d-197622508f4afc4ng7l8aap.html>> Acesso em: 27 de outubro 2015.

Portal Wacom. **As principais tendências Tipográficas de 2016**. Disponível em: <<http://www.portalwacom.com/as-principais-tendencias-tipograficas-de-2016/>>. Acesso em 17 de maio de 2016

ROCHA, Cláudio. **Projeto tipográfico: análise e produção de fontes digitais**. 3. ed. São Paulo: Rosari, 2005. 167 p.

SAKAMOTO, Leonardo; ARONOVICH, Lola. **Meu nome é Lola. E estou ameaçada de morte por ser feminista**. Blog do Sakamoto. 08 de

novembro de 2015. Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/08/meu-nome-e-lola-e-estou-ameacada-de-morte-por-ser-feminista/>>. Acesso em: 30 de maio de 2016.

SALTZ, INA. **Design e Tipografia: 100 fundamentos do design com tipos**. São Paulo: Bucher, 2010.

Facebook Page: SOS Rio sem Homofobia. 2016. Disponível em <<https://www.facebook.com/sosriolgbt/>> Acesso em 05 de junho de 2016

SOUZA, Nayane N. **Projeto de Família Tipográfica para Textos e Títulos Impressos: Fonte Horizonte**. 2012. TCC (Graduação) - Curso de Design, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SPIEKERMANN, Erik. **A linguagem invisível da tipografia: escolher, combinar e expressar com tipos**. São Paulo: Blucher, 2011. 191 p. I

Tipos&Textos, 2015. Disponível em: <<http://tiposetextos.com/2015/06/09/o-processo-de-uma-fonte-digital/>> Acesso em: 15 de novembro de 2015

THE GLOBAL DIVERSITY LIST. **Top 50 diversity figures in public life**. The Economist. 2015. Disponível em: <<http://www.globaldiversitylist.com/top-50-diversity-figures-in-public-life.html>>. Acesso em: 30 de maio de 2016.

Think Olga. 2015 Disponível em: <<http://thinkolga.com/>> Acesso em: 7 de novembro de 2015.

TINOCO, Dandara. **Sororidade, substantivo feminino**. O Globo. 26 de março de 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230>>. Acesso em: 30 de maio de 2016.

TED. 2015. Disponível em: <<https://www.ted.com/>> Acesso em: 29 outubro 2015.

ZANETTI, Julia Paiva. **Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais**. Cadernos Pagu 36, 2011, pp. 47-75. Disponível em:
Acesso em: 14 Setembro de 2015.

APÊNDICE A – Questionário

Comunicação feminista.

Olá, essa pesquisa é para o Projeto de Conclusão de Curso do Curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse formulário foi feito com muito carinho e só demora cerca de 5 minutos para ser respondido.

*Só uma coisinha, essa pesquisa tem como alvo pessoas que acompanham discussões de gênero.

1- Quantos anos você tem?

Menos de 18 anos

18 a 24

25 a 30

31 a 40

Mais de 40

2- Qual gênero você se identifica?

Feminino

Masculino

Outro

3- Em qual região você mora?

Região Centro-Oeste

Região Nordeste

Região Norte

Região Sudeste

Região Sul

Exterior

4- Qual sua escolaridade?

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

5- Qual sua área de atuação ou profissão?

Industria Criativa

Exatas
 Humanas
 Biológicas
 Outro

6- Qual sua renda mensal?

Menos de 1 salário mínimo
 de 1 a 3 salários mínimos
 de 4 a 7 salários mínimos
 de 8 a 11 salários mínimos
 Mais de 11 salários mínimos

7- Você se considera feminista?

Sim
 Não
 Outro

8- Quando você passou a se considerar feminista?

(Se você não se considera feminista aperte o botão Pular essa questão)

Pular essa questão

Esse ano

1 ano atrás

2 anos atrás

3 anos atrás

Mais de 5 anos atrás

Mais de 10 anos atrás

9- Como você acredita que passou a se considerar feminista? (até 3)

(Se você não se considera feminista aperte o botão Pular essa questão)

Pular essa questão

Um acontecimento na minha vida (discriminação, violência, causadas por gênero)

Lendo notícias na internet

Lendo *blogs* feministas

Lendo grupos de discussão
 Vendo vídeos no youtube
 Ações de grupos feministas
 Discutindo com amigas
 Discutindo com a família
 Discutindo com colegas na faculdade
 Participando de organizações estudantis
 Participando de organizações feministas
 Outro (Escrever)

10- Mesmo não se considerando feminista, você acompanha discussões sobre gênero e feminismos?

(Se você não se considera feminista aperte o botão Pular essa questão)

Sim

Não

Pular

11- Em quais meios de comunicação você costuma acompanhar discussões sobre gênero e feminismos?

Blogs de assuntos gerais
 Revistas e/ou jornais impressos
 Revistas e/ou jornais online
 Páginas do facebook de assuntos gerais
 Blogs feministas
 Páginas do facebook feministas
 Grupos feministas no facebook
 Grupos de assuntos gerais no facebook
 Reuniões de organizações feministas
 Conversas entre amigos

12- Pode citar eles? (se possível colar os links)

(Se você não se considera feminista aperte o botão Pular essa questão)

13- Você participa ou já participou de alguma organização feminista?

Sim

Não

14- Qual organização? (se possível colar um link)

(Se você não se considera feminista aperte o botão Pular essa questão)

15- Você já produziu algum conteúdo para dar visibilidade a causa feminista?

16- Se sim, você poderia descrever ou falar como foi a escolha de fonte para esse projeto?

Legenda: Se foi feito a mão, como foi escrito? Se foi uma fonte digital, qual o nome da fonte?

(Se você não se considera feminista aperte o botão Pular essa questão)

OPCIONAL: Quer contar como você se tornou feminista? E porque você considera essa discussão importante?

APÊNDICE A – Resultado Detalhado

Minúsculas - Scaramella Regular

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Minúsculas - Scaramella Brush

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Numerais - Scaramella Regular

1 2 3 4 5 6 7

8 9 0 + - = < >

Numerais - Scaramella Brush

1 2 3 4 5 6 7

8 9 0 + - = < >

Maiúsculas - Scaramella Regular

A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V X Z w y

Maiúsculas - Scaramella Brush

A B C D E F G H I J K L M
N O P Q R S T U V X Z w y

Pontuação - Scaramella Regular

, . : ; " ' ~ ^ ` & @ # *

() [] {} \ / | ! ?

 Pontuação - Scaramella Brush

, . : ; " ' ~ ^ ` & @ # *

() [] {} \ / | ! ?

APRESENTANDO

Scaramella

DOIS ESTILOS

SCARAMELLA REGULAR

abcdefghijklmnopqrstuvwxy

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

1234567890 {} [] () & @ / % \$ * # ~ ` ^ ' ; : " " " ? !

SCARAMELLA BRUSH

abcdefghijklmnopqrstuvwxy

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

1234567890 {} [] () & @ / % \$ * # ~ ` ^ ' ; : " " " ? !

"We should all
be feminists"

Chimamanda Ngozi Adichie

